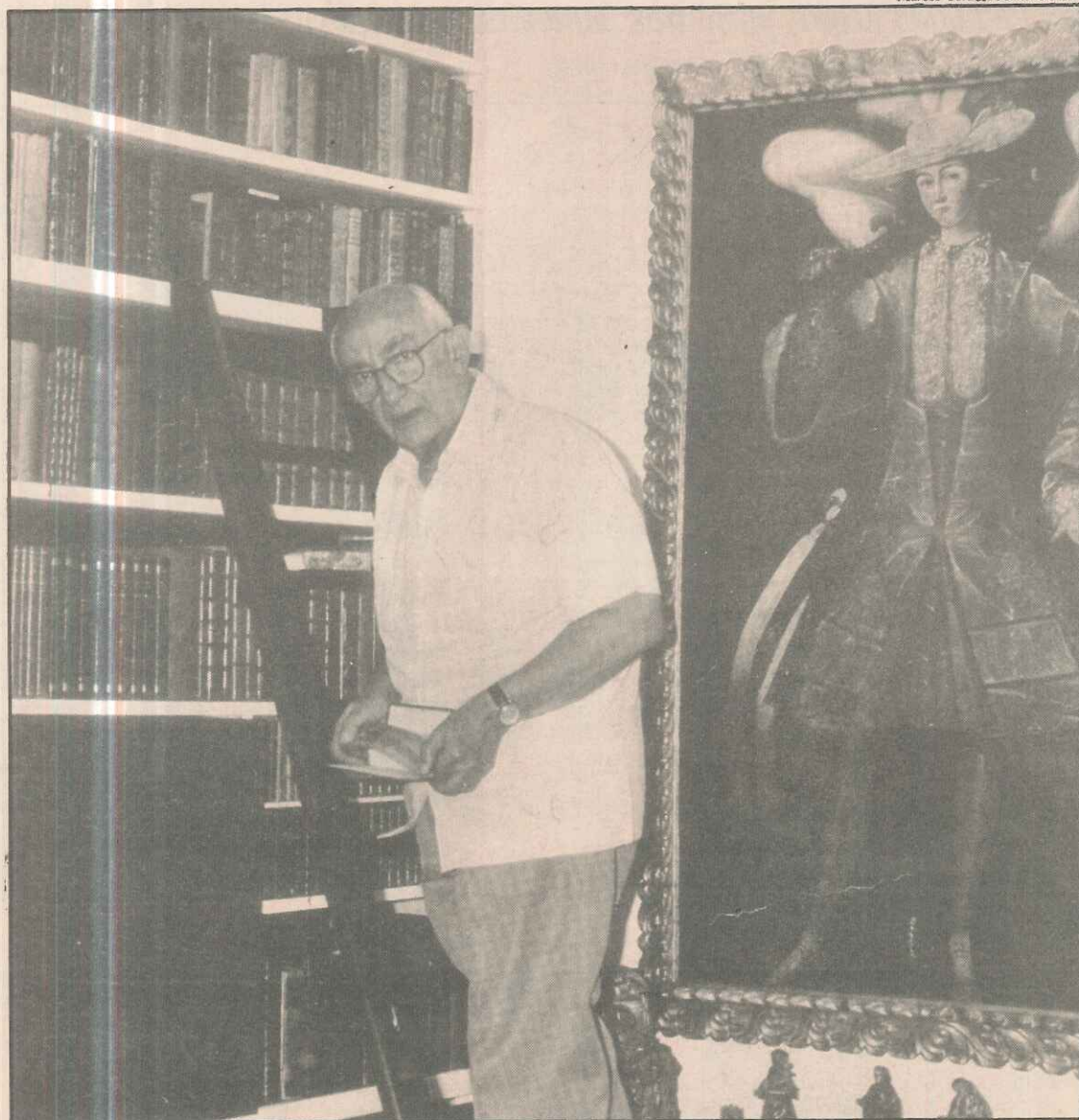


A nova pedra rara do garimpador de leituras

Aos 79 anos, José Mindlin abandona o título de empresário — colado há mais de quatro décadas a seu nome — e assume em tempo integral uma missão afetiva que o obstina há quase setenta anos: colecionar livros. Na semana passada, Mindlin afastou-se do comando das empresas Metal Leve e hoje participa em Porto Alegre de um dos primeiros compromissos de sua nova agenda exclusivamente cultural. Ele é o palestrante e o homenageado no encerramento do 1º Encontro de Acervos Literários Brasileiros, às 16h30, na sala 601 do prédio 40 da PUC. O tema reservado a ele: "livros e autores: garimpagens de leituras". O 'Segundo Caderno' transcreve abaixo o texto escrito por Mindlin para o jornal 'O Globo', contando uma recente aventura: a descoberta de Manoel de Barros e a edição em tiragem limitada (300 exemplares) do 'Livro das Ignorâncias', do poeta mato-grossense.



Sacerdócio e vício

José Mindlin abandonou suas empresas para dedicar-se exclusivamente aos livros

A edição limitada do Livro das Ignorâncias, que ficará sendo a primeira edição, tem uma história curiosa, não só na origem, como na sua realização. Antes de mais nada, no entanto, tenho de confessar que só fiquei conhecendo a obra de Manoel de Barros através da entrevista que a Bric-a-Brac publicou em 1990. Reconheço que a falha cultural era grave, mas, em compensação, o entusiasmo que a leitura provocou foi grande. E, afinal, a gente vive aprendendo, o que faz parte dos encantos da vida. Só não sei se o título deste último livro é um belo achado poético, ou uma alusão à minha "ignorância"... Tive de enfiar a carapuça, mesmo que o Manoel não tivesse pensado nisso, pois costumo exercer autocrítica. A história é a seguinte:

No ano passado, Manoel e Stella nos visitaram, e foi aí que eu disse que gostaria de fazer uma edição especial do próximo livro dele. Uma edição caprichada, como tinha feito com A visita, do Drummond, mas sem pretensão de arte, e muito menos de edição de um livro de luxo. Manoel parece que gostou da idéia, e prometeu mandar-me o texto, mas mais ou menos na base do "se e quando". Em todo o caso, firmou-se um projeto. O texto ainda levou uns meses para chegar, e, quando chegou, minha filha Diana — programadora visual — se mobilizou, pois o texto era a certeza que agora se pode ver impressa. Houve uma porção de idéias, e

quando chegamos a algumas soluções possíveis, perguntei ao Manoel se ele queria acompanhar a edição, ou se preferia a surpresa de ver o livro pronto, mesmo com o risco de não gostar. Minha preocupação era que ele ficasse contente, e para isso seria melhor que o próprio Manoel acompanhasse o processo, mas ele preferiu a segunda alternativa, o que aumentou muito nossa responsabilidade — minha de editor, e de Diana como artista gráfica (no caso do Drummond, ele acompanhou pessoalmente todos os passos, o que, aliás, resultou na grande amizade que nos uniu. No caso do Manoel, essa amizade surgiu desde logo).

Quando tínhamos examinado várias possibilidades, de diagramação, formato, papel, tipos (ilustração nós dois achávamos que o texto, por seu impacto, não só tornava dispensável, como até perturbadora), viajei para o exterior, e o projeto ficou por conta de Diana, que descobriu e percorreu novos caminhos. Quando voltei, o livro já estava na gráfica, e minha curiosidade ficou sendo igual à do Manoel.

Finalmente ficou pronto, a batelada foi para Campo Grande, para que o Manoel numerasse e assinasse os exemplares, e, num quadro de pouca objetividade, o livro parece que agradou. Houve aplauso, entusiasmo, alegria. Eis senão quando, Manoel quase teve um ataque: logo na primeira linha da primeira poesia da primeira parte, tinha havido

troca de uma palavra, alterando o sentido. Onde Manoel escreveu "para apalpar as intimidades do mundo" saiu publicado "para apalpar as intimidades do corpo". Um telefonema aflito me informou do acontecido.

Achei impossível, mas indo conferir no original, vi que de fato "mundo" tinha virado "corpo". Procurando examinar friamente a situação (sempre digo que cabeça fria quando não há problema não é vantagem), vi que o texto tinha de ser corrigido, mas como o livro estava pronto, não dava para substituir a página. E não adiantava procurar saber como se deu o acidente. Minha interpretação, ao retornar o telefonema de Manoel, foi de um lapso freudiano. "Apalpar intimidades" facilmente sugere "corpo", disse eu ao Manoel, e o digitador facilmente caiu na armadilha, que a poesia de Manoel de Barros, malandragem como é, facilitou. Nessa altura, o bom humor voltou, e sugeri ao Manoel que corrigisse o erro à mão, e aproveitasse para fazer qualquer emenda, pois isso somente viria enriquecer a edição, sob o prisma da bibliografia. Ele concordou, e emendou a quarta linha da sétima poesia (sempre da primeira parte), substituindo "voz" por "cor", dessa vez alterando o original.

E assim foi feita esta primeira edição do Livro das Ignorâncias — em que a poesia de Manoel de Barros atinge o nível do esplendor.

A crítica genética depende dos bons acervos literários

Imagine um prédio com três paredes de concreto aparente e a fachada de vidro. O exercício de figuração mental foi proposto pela professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Sônia van Dijck Lima, ontem de manhã, no 1º Encontro de Acervos Literários Brasileiros. É no porão de um prédio assim, sem nenhuma climatização apropriada, que importantes documentos sobre a vida e obra de José Lins do Rego, autor de *Fogo Morto*, são mantidos pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba, em João Pessoa. O prédio é um museu, e recebe o nome do escritor.

Mas não são só as traças que se ocupam com documentos literários na Paraíba. A UFPB está organizando o projeto Ateliê José Lins do Rego, para recuperar e pesquisar os documentos que não têm interesse imediato para o museu. Entre elas, originais de *Pureza* e *Verdes Anos*, fotos, cartas assinadas por Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Erico Veríssimo.

As pesquisas do ateliê já geraram duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado na UFPB. "Os materiais de arquivo podem acrescentar muito à crítica sobre José Lins e à gênese de seu discurso literário", disse Sônia, pesquisadora da linha da crítica genética — o estudo dos processos de criação da literatura a partir dos textos originais de escritores.

O encontro, promovido pelo Pós-Graduação em Letras da PUC, prosseguiu com relatos da professora Marisa Lajolo, da Unicamp, sobre os projetos de acervo do Centro de Documentação Alexandre Eulálio daquela universidade, e das professoras da PUC/RS Maria Eunice Moreira e Alice Campos Moreira, sobre a recuperação e edição de escritos do século passado, como Apolinário Porto Alegre e Lobo da Costa. À tarde, houve relatos das responsáveis por acervos literários de escritores gaúchos. O encontro, que acontece na sala 601 do prédio 40 da PUC, encerra-se amanhã, com painéis, a partir das 9h30min, sobre "acervos institucionais e fontes documentais da vida literária" e "arquivos jornalísticos e história literária". À tarde, palestras com Silviano Santiago (15h) e José Mindlin (16h30min). (Jerônimo Teixeira)

ZERO HORA - QUINTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO DE 1994

Uma poesia com a umidade da terra

Manoel de Barros busca na natureza decomposta do pantanal os motivos poéticos de 'O Livro das Ignorâncias'

JERÔNIMO TEIXEIRA

Os substantivos passaram anos deitados de barriga sobre o esterco: 20 anos desde *Matéria de Poesia*, livro que recomendava este tratamento escatológico, com o objetivo de "carrear para o poema um gosto de chão". Gosto que não é novidade na poesia brasileira. O chão férreo de Itabira comparece em alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade. Sobre tudo, há o chão seco, pedregoso e severino de João Cabral de Melo Neto. Mas é de outra qualidade o sabor telúrico de *O Livro das Ignorâncias*. O poeta mato-grossense Manoel de Barros, 77 anos, fez do chão alagadiço do pantanal a matéria de sua poesia.

As 108 páginas de *O Livro das Ignorâncias* tem uma umidade toda particular. Em *Matéria de Poesia*, Manoel de Barros já riscava o preceito: "Nos versos mais transparentes enfiar pregos sujos". *O Livro das Ignorâncias* vem atravessado pela ferrugem deste prego. É poesia visguenta, fermentada nas águas lodosas do pantanal. Frases e versos cheios de "sujidades" e "imundícias" — palavras de Manoel de Barros que evocam os neologismos sertanejos de Guimarães Rosa.

Manoel de Barros, no entanto, começou antes do autor de *Grande Sertão: Veredas*. Seu primeiro livro, *Poemas Concebidos Sem Pecado*, é de 1937. *Sagara* na só apareceria nove anos depois. O problema é que os livros do poeta e fazendeiro de Campo Grande saíam tradicionalmente em tiragens pequenas, para serem venerados por uma tribo restrita de admiradores.

DELÍRIO DA ENCHENTE — *O Livro das Ignorâncias* já teve sua versão restrita — uma edição de 300

exemplares editados pelo empresário e bibliófilo José Mindlin. Agora, a Civilização Brasileira lança o livro em edição comercial. São três longos poemas, divididos em fragmentos independentes. O primeiro poema, *Uma Didática da Invenção*, define a poética de Manoel de Barros — uma poética da "ignorância" ("Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios"). *Os Deslimites da Palavra* traz as anotações delirantes de um canoeiro perdido em uma enchente no pantanal, sem comer nem dormir por três dias. *Mundo Pequeno* é o pantanal e seus personagens: capivaras, andorinhas, lagartos, loucos e o próprio poeta.

Na confluência fluvial da "ignorância" poética, comparecem Alberto Caeiro, o heterônimo de Fernando Pessoa que buscava a natureza só, sem as deformações visuais da inteligência racional, e a "contribuição milionária de todos os erros" de que falava Oswald de Andrade. E também Rimbaud, a quem Manoel de Barros admira, e Guimarães Rosa. Mas todas estas influências são deitadas sobre as decomposições do pantanal, para adquirirem o gosto de uma nova terra, o estilo de um novo poeta, singularmente admirável Manoel de Barros, não há "ignorância" igual.



O QUE: 'O Livro das Ignorâncias', poemas de Manoel de Barros. Civilização Brasileira, 108 páginas
QUANTO: CR\$ 5.610,00



Poeta fluvial

O mato-grossense Manoel de Barros acredita que 'desaprender 8 horas por dia ensina os princípios'

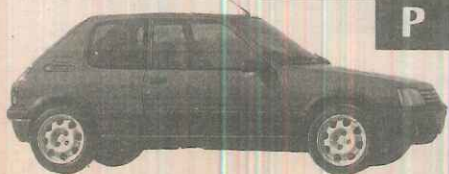
Duas "ignorâncias"

No Tratado das Grandezas do Ínfimo estava escrito:
Poesia é quando a tarde está competente para dalias.
É quando
Ao lado de um pardal o dia dorme antes.
Quando o homem faz sua primeira lagartixa.
É quando um trevo assume a noite
E um sapo engole as auroras.

de 'Uma Didática da Invenção'

Estou atravessando um período de árvore.
O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho tem escórias de árvores.
O chão deseja meu olho vazado para fazer parte do cisco que se acumula debaixo das árvores.
O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho possui um coisário de nadeiras.
O chão tem gula de meu olho pelo mesmo motivo que ele tem gula por pregos por latas por folhas.
A gula do chão vai comer o meu olho.
No meu morrer tem uma dor de árvore.

de 'Mundo Pequeno'



P E U G E O T 2 0 5

Um dos carros de passeio mais vendidos do mundo
leva você para assistir, com todas as despesas pagas,
o desempenho do motor Peugeot na McLaren da fórmula 1.

IMPORTANTE: NÃO É SORTEIO! VOCÊ COMPRA E VAI!

Anita Garibaldi, 1246 / FONE: (051) 341 3700



LYON

PEUGEOT

PEUGEOT 205

ENTREVISTA/MANOEL DE BARROS

O desconsertador de linguagem

Duplo de fazendeiro e poeta, descoberto depois de 50 anos de anonimato, Manoel de Barros desfolha sua árvore de palavras em entrevista exclusiva

TAGORE BIRAM *

Sua última obra, *Livro das Ignorâncias*, publicada recentemente pela *Civilização Brasileira* e já em segunda edição, reafirma a postura de um desconsertador de linguagens. Desobjetiva as coisas, abrevia pássaros, desapropria nomes e, para aumentar a existência, leva uma vida duplicada. Um é criador de gado no Pantanal, nomeado Manoel Wenceslau Leite de Barros, nascido em Cuiabá a 19 de dezembro de 1916. O outro é simplesmente Manoel de Barros que, ao longo de sua viagem, já lavrou 12 livros de poesia — o primeiro, publicado aos 19 anos, foi escrito numa pensão carioca em 1935.

Aos dois meses de idade saiu com a família de Cuiabá para Corumbá, terra pantaneira. Plantou-se ali até os sete anos. Em 1927 foi estudar em Campo Grande. De 1929 a 1931 esteve internado no Instituto Lafayette, no Rio de Janeiro, saindo dali para outro internato, o São José, administrado pelos padres maristas. Nesse colégio aprendeu francês e latim e pegou o gosto pela literatura. "Padre Vieira com seus Sermões foi meu primeiro deslumbramento intelectual".

Envolveu-se com a Juventude Comunista e entrou para o "Partidão" pouco depois de se matricular na Faculdade de Direito. Descobriu Rimbaud, Baudelaire, Mallarmé e Lautreamont e entortou seu rumo para a poesia. Formado em Direito, descobriu logo que não tinha "dão". Queria mesmo era viajar mundo. Abandonou tudo e percorreu por três anos os becos do Peru, Bolívia e Equador. Em 1946 se exilou em Nova York. Em 1947, de volta ao Rio, resolveu "acalmar a alma". Conheceu Stella e se casou depois de um mês de namoro. Com ela tem três filhos. Manoel de Barros vive atualmente em Campo Grande, cidade que adotou a partir de 1960.

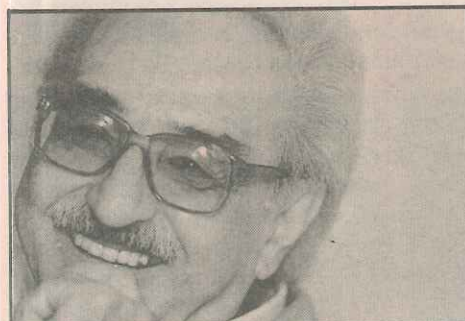
Nesta entrevista, exclusiva a *Zero Hora*, ele fala de sua criação, seu gesto amoroso pela palavra, sua vida dupla de poeta e fazendeiro, e dá um comovido depoimento sobre Mario Quintana. As perguntas foram respondidas por escrito.

Zero Hora — De onde vem a ancestralidade de sua poesia?

Manoel de Barros — Havia na minha infância um *Beco do Urubu*. E no beco uma venda de meu pai. Neco Caolho, um tio avô meu, muito conceituado para parvo, ia pra lá tocar viola e fazer trovas tortas. Ele tinha uma voz de harpas destruchadas. De tarde, na praça da Matriz, Neco apregoava urinóis enferrujados. Os urinóis eram próprios para desuso. Me lembro de um doido de Rebelais que apregoava pregos enferrujados nas ruas de Paris. Ambos, *O Apregoador de pregos enferrujados* e o meu ancestral Neco Caolho, apregoavam inutilidades. Eles tinham a noção exata do valor das coisas imprestáveis. Eram valores poéticos, se muito. Penso que terá vindo desse meu ancestral o meu gosto pelas coisas desimportantes. No fundo o que se deseja até hoje é musiquiar sem viola os versos tortos.

ZH — O poeta cabe dentro do cidadão Manoel de Barros ou faz alongamentos para os extremos?

Manoel — Tem hora quando leio aves, não cabe. Tem hora quando ouço aves, cabe. Somos diferentes. Eu mexo com palavras. O outro é fazendeiro de gado. Enquanto o cidadão mantém a casa em ordem, o poeta cultiva irresponsabilidades. Eu sou rascunho de um sonho. Ele é pessoa da terra. Eu tenho um entardecer de angústias. E o outro vai pro bar se esquecer. Recebo no meu olho beijos de águas. Me sinto um ralo de sabedoria. E o outro zomba de mim. Gosto de me multiplicar todos os dias lendo frases do Gênesis. Ele se compadece de mim. A

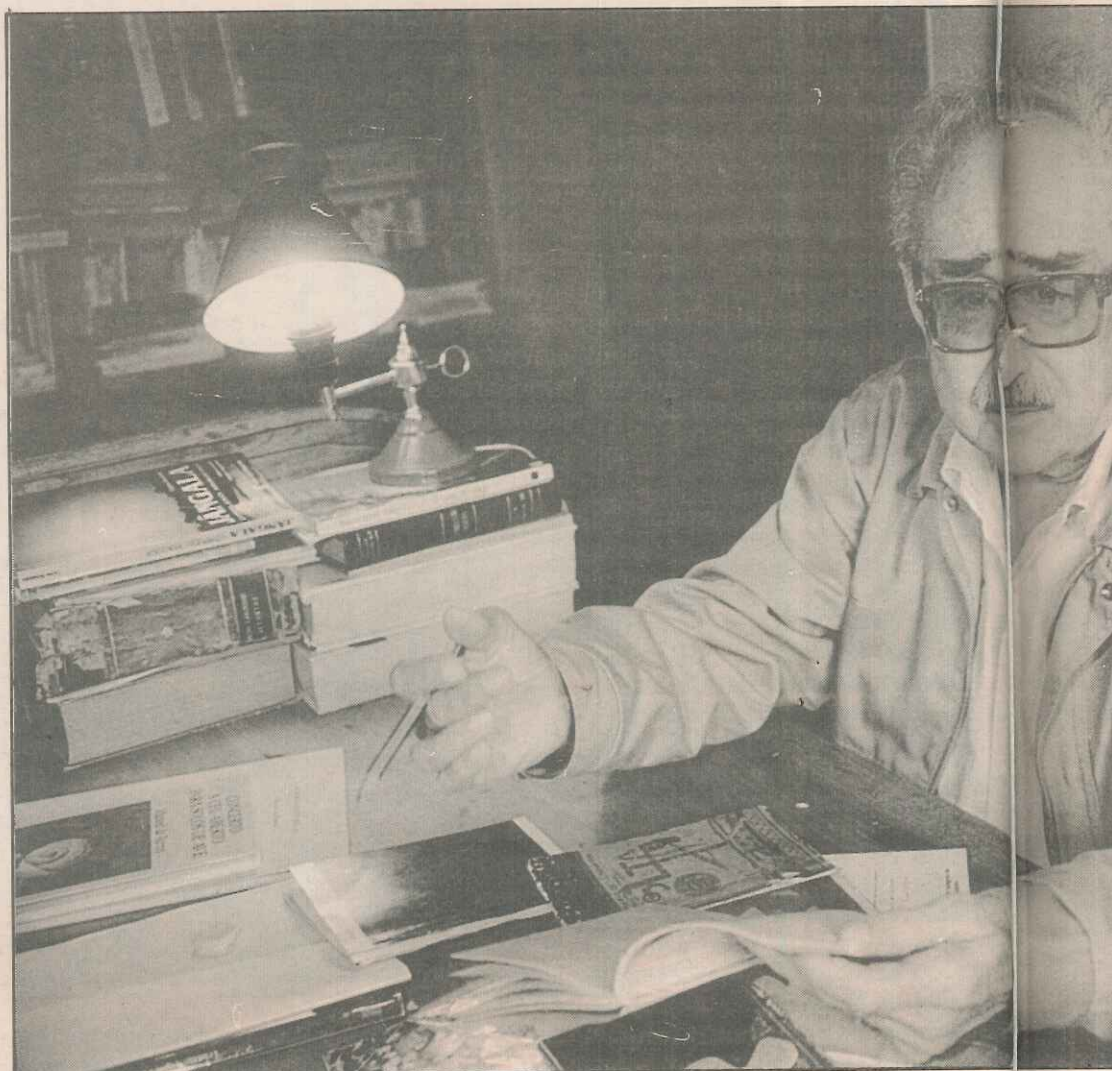


A voz da poesia tem que chegar ao nada para aparecer. Só fui reconhecido quando não tinha mais nada para dizer

inércia é meu ato principal. Ele mexe com boi.

ZH — Com a maturidade de hoje o senhor seria capaz de apontar algum pecado nos *Poemas Concebidos sem Pecados*, escrito na juventude?

Manoel — *Poemas Concebidos sem*



O estilo e a lucidez

"Eu queria ser bem porcaria pra me morrer de amores só por flores, mas me perturbam as sementes que desejei"

Pecados é meu breviário. Rezo por ele ainda hoje. Fala da minha infância que é fonte de poesia. Noto que os pobre-dia-bos e as pobres coisas do chão comandam o livro. A prevalência da linguagem sobre os episódios já está lá. Certa tendência de achar a mosca mais importante do que uma jóia pendente também está no livro. Eu acho ainda hoje o cu de uma formiga mais importante do que uma usina nuclear. Contudo ao publicar a obra havia uma pretensão. Havia uma presunção, que é um pecado venial. Eu conto. Andava eu por esse tempo lendo muito Alencar e Mário de Andrade. Eu estava bem fornido dos ritmos de Iracema e de Macunaíma. Iracema começa: *Além, muito além daquela serra nasceu Iracema/ virgem dos lábios de mel*. Macunaíma começa: *No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma/ o herói da nossa gente*. Cabeludinho começa: *Sob o canto do bate-num-quara nasceu Cabeludinho — bem diferente de Iracema*. Pelos ritmos e pelas contaminações semânticas, os começos se parecem. Pois eu achava, na ingenuidade dos meus 19 anos, que os críticos descobririam tais semelhanças e fariam do meu Cabeludinho, do mesmo tamanho que falaram de Macunaíma. Mas foi o

maior silêncio. E o meu grande pecado de gosto. E a presunção. Valeu.

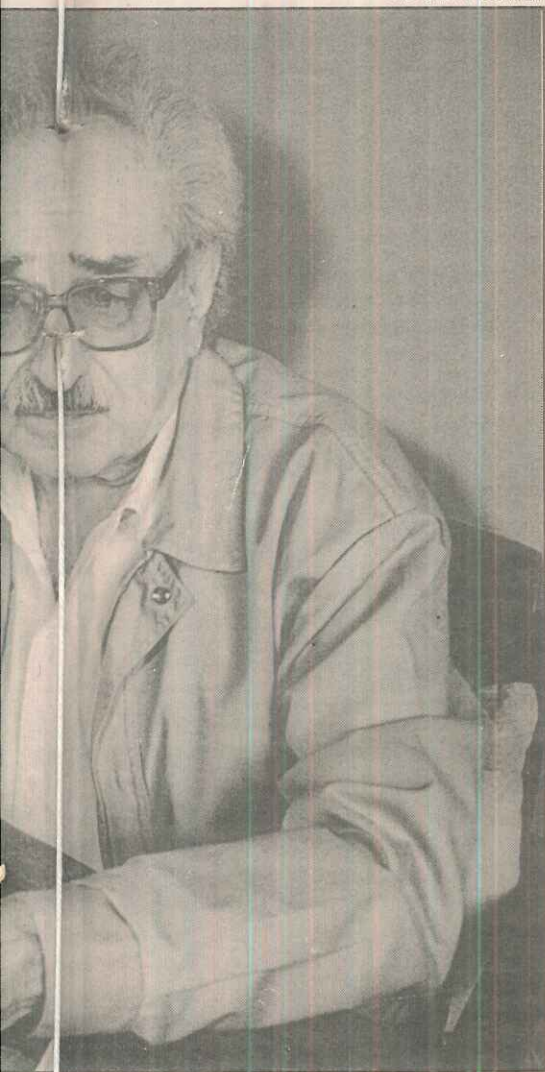
ZH — Muitos críticos, leitores e pesquisadores encontram ícones em sua linguagem. Outros, ao contrário, como Marcelino Coelho, acham-na simplória. E o senhor, o que acha?

Manoel — Minha linguagem sou eu. Tudo que eu falo me resenhe. Não considero fugir de mim. Eu sou meus seios. Sou uma pose de mim. O estilo está embutido na boca. Ai, que eu queria ser simples, eu queria ser bem porcaria pra me morrer de amores só por flores. Mas o que me perturba são as sementes que desejam sair do fundo dos monturos. Para mim o obscuro é iluminante. Mas para o Marcelo, que vem de uma formação francesa, o iluminante é a luz da razão. A lucidez é um encravo quando se trata de substituir uma ausência no mundo por um poema. A razão me descompleta.

ZH — O fato ter sido reconhecido na velhice lhe chateia?

Manoel — O que me chateia é a velhice. Quem gosta de escombros é a solidão. Nas minhas paredes começaram a nascer urtigas. Da própria palavra *velhice* não

agens



FOTOS CARLA PAULETTI/ZH

mentes que desejam sair do fundo dos monturos"

gosto. É desarmônica e pornográfica. O fato de ter passado 50 anos em quase absoluto anonimato não doeu. Passei esse tempo tentando envergar a linguagem ao meu jeito. Fiz isso com volúpia e quase não vi o tempo passar. Deixei que as palavras me cuidassem. A voz da poesia tem que chegar ao nada para aparecer. Só fui reconhecido quando não tinha mais nada pra dizer — e fiquei a brincar. O dia em que só faço nada é fecundo. Hoje sei que os verbos deliram — e isso é uma coisa saudável para a poesia.

ZH — Por que o senhor recusou o convite para ir à Feira do Livro de Frankfurt?

Manoel — Muita gente recusou. Não sei a razão dos outros para a recusa. Sei que a minha foi por fastio. Tenho desapeito por reuniões. Além disso não sou conferencista. Não sei alemão. Nem sei vender meu peixe. Iria fazer o quê? Desfilhar entre montras? Beber vinhos do Reno? Ai que nó! E se eu caísse da escada, quem me viria levantar? Prefiro de pernas pra cima de gereré. Passei a vida fazendo coisas inúteis. O mesmo que dar banho em mosca. Já sei. Se todos pensassem dessa maneira o mundo era o mesmo

UM POEMA INÉDITO

A palavra e o poeta

Uma palavra abriu o roupão pra mim.

Vi tudo dela:

A escova alta e fôfa — seus negros pêlos,

A doce pevide.

(Me perguntei: — as palavras são dáveis?)

Seus olhos eram de mar

E o rosto de corsa.

Penso que eu estava em sonho.

Tentei mover os braços na direção da Coisa.

Um monte de carnes sem osso, os braços não se moveram

Vi o olhar compassivo da palavra para o meu esforço inútil.

Minha postura era de beatitude.

Então veio a palavra e esfregou a lesma dela na minha boca.

Entrei-a pois como estivesse entrando no reino da Criação.

Moldava-se em mim essa palavra antes de ser canto.

Se abria para que eu a fosse.

A PALAVRA E O POETA

Uma palavra abriu o roupão pra mim.

Vi tudo dela:

A escova alta e fôfa — seus negros pêlos,

A doce pevide.

(Me perguntei: — as palavras são dáveis?)

Seus olhos eram de mar

E o rosto de corsa.

Penso que eu estava em sonho.

Tentei mover os braços na direção da Coisa.

Um monte de carnes sem osso, os braços não se moveram.

Vi o olhar compassivo da palavra para o meu esforço inútil.

Minha postura era de beatitude.

Então veio a palavra e esfregou a lesma dela na minha boca.

Entrei-a pois como se estivesse entrando no reino da Criação.

Moldava-se em mim essa palavra antes de ser canto.

Se abria para que eu a fosse.

Manoel de Barros

que uma rã debaixo de um pé de açucena.

ZH — Vamos mudar de ventos. Como foi a história de sair de um internato rígido e entrar para o Partido Comunista?

Manoel — Nos fins dos anos 40, no Rio, pensei de salvar o mundo da miséria e da opressão. Todos os rapazes da minha faculdade estavam dispostos a dar a vida para salvar o mundo. Eu tinha lido em Fernando Pessoa: *Amanhã é dos loucos de hoje*. Era preciso ser louco. Era preciso ser amanhã. Entrei pra Juventude Comunista. Comecei a ter chefes e chefetes. Recebia ordens que ninguém sabia de onde vinham. Ordens de pichar estátuas, de soltar panfletos. Tarefas. Me mandaram ler Marx, Engels, Lenine. Não passava das 10 primeiras páginas. Descobri que meu forte era a palavra. Me ajeitei com Maiakovski. Meu gosto era mais literário do que revolucionário. Acho que iria fugir se me mandassem brigar. Eu seria se tanto uma barata: se me pisassem a carcaça eu sairia pelos cantos arrastando substâncias...

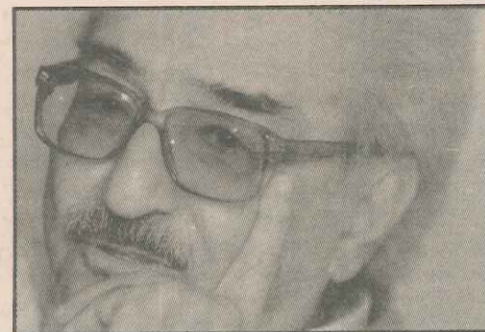
ZH — Depois passou um ano em Nova York, cidade que inspirou Garcia Lorca. O senhor se sentiu "um poeta Nova York"?

Manoel — Em Nova York fui estudar cinema e artes plásticas. Aproveitei para fazer coisa nenhuma. Andei à-toa pelas ruas, roçando nas paredes, me sentindo um verminho debaixo de tantos arranha-céus. (Una gota de sangue de pato bajo las multiplicaciones.) Eu era isso. Me sentia essa gota de sangue do verso de Lorca. Essa de sentir-se infimo e típico de pessoas sem rumo. E eu era sem rumo. Flanei por ruas. Andei de mar, de rio e de a pé. Estava bem protegido pelo abandono. Pude ver formas, cores e pentelhos. Descobri que os passarinhos de Nova York têm duas pernas também. A minha

imaginação antes achava que os passarinhos de um lugar civilizado deviam ter duas e até 16 pernas. Voltei para casa tranqüilo. E vi que tudo era vento e aflição de espírito — como está no livro.

ZH — Por que essa aversão pela publicidade? O senhor é daqueles que não gostariam de ir ao próprio enterro?

Manoel — Não tenho aversão pela publicidade. Tudo que escrevi já foi publicado. E penso que seja dever de quem escreve publicar. Ainda que apenas para 10 leitores ou dois. O de que não gosto é de dar entrevista oral. Aquele ferro perto



O dia em que só faço nada é fecundo. Hoje sei que os verbos deliram, e isso é uma coisa saudável para a poesia

da minha boca, o microfone, me paralisa, me inibe. Me perco de mim. Tenho de me procurar depois com ponta de faca e não me acho. Como dizer ao ferro que estou perdido? O tal do microfone é implacável. Quando tem gente me olhando, me ouvindo, sou igual lesma, me enfio pra den-

tro. Eu sou meu indizível pessoal. Só com as letras me prefiguro.

ZH — No Livro das Ignorâncias, o senhor fala de um certo Apuleio, perdido na enchente do Pantanal. Fala também de um certo conhecimento de Cesar Vallejo, poeta peruano. Onde termina ou começa a ficção?

Manoel — Um dia lendo *Trilce* numa pequena cidade do Peru, descobri Cesar Vallejo. Inventei que fomos amigos pessoais. Tudo que eu não invento é falso. Vallejo me ensinou a apalpar o azul usando pássaros. Quanto a Apuleio, é outra história. Eu queria experimentar os deslimes do Ser. Precisava permanecer onde os verbos deliram. Então preparei Apuleio para doido. Deixei-o a jeito de poesia. Poesia é um lugar onde a gente pode falar insensatez com a cara de sério. E vice-verso. As palavras de Apuleio são enfermas de mim. Ele me disse um dia: *Eu tenho um dom de lata que aparece de tarde e ninguém vê*. Isso pode ser verdade.

ZH — O que o senhor acha de Mario Quintana e da morte?

Manoel — Naqueles dia que o Mario Quintana morreu, um meu amigo, o Washington Novaes, me mandou, por carta, o último verso de Quintana:

Morrer é esquecer as palavras

Você veja que a grande dor do poeta era perder as palavras. Que poeta, meu Deus! Agora ele passarinha. Agora ele vai se encantar. O encanto já se abriu para as suas palavras. Agora vai se abrir para o morto. E Bruna Lombardi vai tanger os sinos para ele.

* Poeta e jornalista goiano, cinco livros publicados, Tagore Biram é editor do Jornal Brasil Central, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul

LIVRO

Ignorâncias que os anos não trazem mais

Em "Livro sobre Nada", Manoel de Barros reincide nas limitações da literatura eternamente saudosa de um Brasil agrário

BANCO DE DADOS/ZH

EDUARDO STERZI

Grande parte da literatura é movida pelo sentimento que Casimiro de Abreu sintetizou em *Meus Oito Anos*: "Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!". Para Casimiro (e Proust), esta infância "querida", perdida, era a própria infância, "real" — tão real quanto pode ser o passado que idealizamos. Tem gosto de pitanga, manga (e madeleine). Para outros, a infância perdida é metafórica: a infância de um mundo, de uma civilização. Tem gosto de mato, de capim.

Em *Livro sobre Nada*, Manoel de Barros dá voz, simultaneamente, a estas duas infâncias. Como nos anteriores *Livro das Ignorâncias* ou *Concerto a Céu Aberto para Solos de Ave*, o poeta desenvolve temas entoados pela primeira vez em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, canto de cisne do Brasil agrário. Como na obra de Rosa, a linguagem de Manoel de Barros se desarticula e se reinventa em busca da fala pantaneira. A despeito do título, retirado de uma carta em que Flaubert conta a uma amiga de sua vontade de "fazer um livro sobre nada, um livro que não teria quase tema" — intenção que resultou em *Bouvard et Pécuchet* —, *Livro sobre Nada* é marcadamente temático para quem o saiba ler.

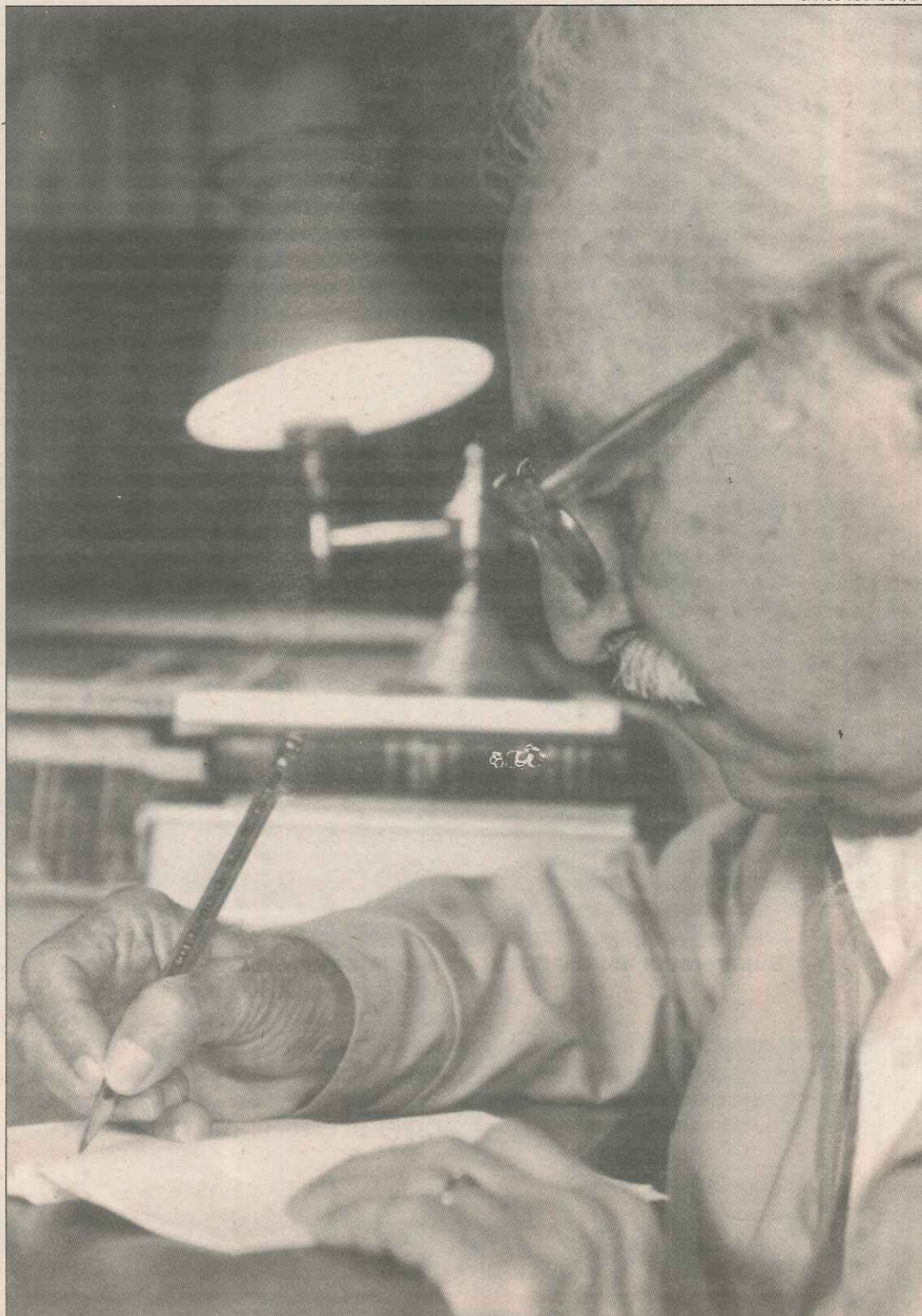
Ouve-se uma voz que lamenta a dissolução de uma pais agrária, e até selvagem, frente à modernidade urbana. A primeira seção do livro, intitulada *Arte de Infantilizar Formigas*, é emblemática. Depois de uma profissão de fé na "desutilidade poética" — retomada em textos posteriores —, Manoel de Barros demarca o território de sua memória: "O pai morava no fim de um lugar", escreve. "Aqui é lacuna de gente — ele falou: / Só quase que tem bicho e andorinha e árvore." O contraste desse universo intocado pela urbanidade com o mundo que se desenvolve lá fora se dá através da figura de um médico: "O doutor apareceu. Disse: Precisam de tomar aquilostomina". O choque irreversível entre o ambiente rural da infância querida e o mundo adulto das cidades e dos doutores é cristalizado em duas frases: "Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas. / O doutor espantou as rolinhas". Em uma linha, Manoel de Barros resume sua nostalgia por esse "Empírio" perdido: "O menino de ontem me plange".

O poeta esmiúça este pranto: "De tudo haveria de ficar para nós um sentimento longínquo de coisa esquecida na terra". Esse esqueci-

mento que não se deixa esquecer está na origem da inapetência dos escritores brasileiros contemporâneos em dar conta da realidade de que fazem parte, predominantemente urbana, tecnológica, industrial. Esquivam-se de enfrentar as contradições de seu tempo, refugiando-se nas "ignorâncias" que os anos não trazem mais. O Brasil da poesia de Manoel de Barros é um país rural, atrasado, no qual ainda se encontram laivos de um lusitanismo renitente a gemer nas grafias arcaicas, nas derrapagens sintáticas nostálgicas (que, se tratadas com ironia, ganhariam o necessário sentido "crítico", mas aparecem apenas como sintomas de nossa eterna saudade de nós mesmos. A literatura brasileira ainda espera o desembarque de Dom Sebastião).

Manoel de Barros não é o bronco que tenta fazer seus leitores imaginarem que é. Alguns, embebedos na desconversa "ecológica", "telúrica", acreditam mesmo na mitificação de "poeta do pantanal". Conversa para jacaré dormir. Manoel de Barros não escreve no alpendre de sua fazenda, admirando os gaviões-caranquejeiros na beira dos brejos. Cria seus poemas no escritório que tem em Campo Grande. O poeta é sempre um fingidor. Tudo é máscara, *persona*. A história sempre se repete: o poeta "rural", que vive na cidade, canta uma elegia por um mundo não apenas ágrafo — porque analfabeto, porque indigente —, mas também afásico, ou que muito pouco tem a dizer senão tautologias, balbucios inarticulados, ruminções sem sentido. Em suma: nada.

Os sertões e pantanais literários só existem através desses escritores fundassentados em seus refúgios citadinos. Só ganham vida na nostalgia de homens que passaram pelas terras de quase ninguém e se dispuseram a recordar tais experiências por uma perspectiva banhada em cultura. Arqueologia? Preservação do patrimônio histórico? O problema é que, conforme notou Diogo Mainardi no romance-ensaio *Polígono das Secas*, essa literatura legitima a irracionalidade do universo rural, a tacanhice do homem do "sertão" (que é do tamanho do mundo). Claro que essa irracionalidade pode ser redimida pela força das invenções verbais, pela profundidade "filosófica" atingida por alguns de seus cultores. É o que ocorre na obra de Guimarães Rosa, apesar de uma certa verborragia maçante e inessencial ainda pouco avaliada. Manoel de Barros conquista essa redenção quando consegue fazer suas metáforas dissonantes e epifanias sinestésicas, tantas vezes meros cacoetes, elevarem-se à estatura da eternidade.



Poeta fingidor: Manoel de Barros dá voz a um Brasil ágrafo e afásico, que tem muito pouco a dizer

Manoel de Barros



LIVRO
SOBRE
NADA



□□□ Livro sobre Nada,
de Manoel de Barros.
Record, 85 páginas, R\$ 15

Trechos

A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.

□□□

Sou um sujeito cheio de recantos.
Os desvãos me constam.
Tem horas leio avencas.
Tem hora, Proust.
Ouço aves e beethovens.
Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.

O dia vai morrer aberto em mim.

Ao poeta, com carinho

Recital celebra a obra de Manoel de Barros na 16ª Bienal do Livro



“Foram as palavras que desestruturaram a linguagem, não eu”, diz o poeta, fazendo uma crítica da crítica

CRIS GUTKOSKI
Enviada Especial/São Paulo

Manoel de Barros, um dos maiores poetas brasileiros em atividade, hoje com 84 anos, foi homenageado domingo à noite no Salão de Ideias da 16ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo.

A atriz Cássia Kiss fez uma emocionada e vibrante leitura de textos do autor pantaneiro que estreou na literatura em 1937 com o livro *Poemas Concebidos sem Pecado*.

Cássia leu versos do recém-lançado *Ensaios Fotográficos* (Record, 66 páginas), começando pelo último poema, *Comportamento*:

“Não quero saber como as coisas se comportam.
Quero inventar comportamento para as coisas.
Li uma vez que a tarefa mais lúdica da poesia é a de equivocar o sentido das palavras
Não havendo nenhum descomportamento nisso senão que alguma experiência lingüística”.

A atriz também interpretou poemas de Antônio Calloni do livro *Os Infantes de Dezembro*, lançamento da editora Bertrand Brasil. A pedido do público, o ator de *Terra Nostra* leu ao microfone um de seus poemas preferidos, *A Rosa do Oriente*, que fala com rimas elaboradas de corpos molhados e dedos intronmetidos. O recital também teve a participação dos poetas Carlos Nejar e Nuno Júdice, um dos 16 autores portugueses presentes à Bienal.

— Fazer poesia deve ser muito legal, mas ler em voz alta é melhor ainda, para mim é uma viagem — disse Cássia Kiss, que pretende levar poemas de Manoel de Barros para o palco, possivelmente com direção de Ulisses Cruz e trilha sonora de Egberto Gismonti. A produção ainda está entalada na falta de patrocínio.

— Falta um pouco de gentileza do mercado para com a poesia — reclamou a atriz. — O pessoal acha que R\$ 100 mil reais é muito dinheiro para um monólogo.

Manoel de Barros tem 15 livros publicados. O último foi *Retrato do Artista Quando Coisa*, de 1998. Em *Palavras*, do recente *Ensaios Fotográficos*, ele faz uma crítica aos críticos literários. “Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem. Eu desestruturo a linguagem? Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar de debaixo de mim. (...) Foram as palavras pois que desestruturaram a linguagem. Não eu.”

Novidades da bienal

A ficção brasileira, no romance, no conto, na crônica e na poesia, volta com força às livrarias. Como de costume, as editoras guardam seus melhores títulos para lançamento durante a grande vitrina que é a Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Há novidades de escritores consagrados como Rubem Fonseca e João Ubaldo Ribeiro e também de autores estreantes, como o ator (e poeta) Antônio Calloni. Confira:

- **Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século**
Org. Italo Moriconi
Editora Objetiva
- **O Doente Molière**
Romance policial de Rubem Fonseca
Companhia das Letras
- **Murais de Vinícius e Outros Perfis**
Crônicas de Paulo Mendes Campos, org. Flávio Pinheiro
Civilização Brasileira
- **Brasil Brasileiro – Crônicas do País, das Cidades e do Povo**
Paulo Mendes Campos, org. Flávio Pinheiro
Civilização Brasileira
- **Aventuras**
Crônicas de Rubem Braga, org. Domício Proença Filho
Record
- **Região Submersa**
Romance de Tabajara Ruas
Coleção Negra da Record
- **Medo de Sade**
Romance policial de Bernardo Carvalho
Companhia das Letras
- **Os Guerreiros do Campo**
Romance de Deonísio da Silva
Mandarim
- **Ensaios Fotográficos**
Poemas de Manoel de Barros
Record
- **O Conselheiro Come**
Crônicas de João Ubaldo Ribeiro
Nova Fronteira
- **Os Infantes de Dezembro**
Poemas de Antônio Calloni
Bertrand Brasil
- **Tarifa de Embarque**
Poemas de Waly Salomão
Rocco
- **Um Artista Aprendiz, A Serviço de El-Rei e Novélrio de Donga Novais**
Romances de Autran Dourado
Rocco
- **Por que os Homens Não Cortam as Unhas dos Pés?**
Crônicas de Stella Florence
Rocco
- **Do Amor Ausente**
Romance de Paulo Roberto Pires
Rocco



Altair Martins, 23, prepara agora uma narrativa longa

Para caçadores de primeiros autógrafos

Hoje é dia de um autógrafo que ainda vai virar preciosidade. A assinatura de Altair Martins na primeira página de *Como se Moesse Ferro* talvez mereça redomas de vidro em retrospectivas daqui a 50 ou cem anos, com a legenda: “Dedicatória do autor aos 23 anos, no livro de estréia, saudado na época como a mais vigorosa revelação da literatura gaúcha”.

Foi assim, como uma surpresa embasbacante, que chegou às livrarias há cinco meses o primeiro livro reunindo 10 contos do aluno do curso de Letras da UFRGS e professor de literatura de cursinho pré-vestibular, ganhador duas vezes do Prêmio Guimarães Rosa, da Radio France Internationale. Atmosferas tensas, densas. Situações derradeiras, exíguas, fabulosas. Metáforas barrocas, buscadas, rebuscadas. Personagens completos, complexos, sutis. (E que figuras femininas, moço! *Chapeau!*) Diálogos e monólogos áspers, hábeis. Todo um programa de ficção se esboça e – com ressalvas discretas – se resolve em *Como se Moesse Ferro*, esse tão animador primeiro livro que Altair autografa hoje. (Sandra Simon)

O QUE: sessão de autógrafos do livro *Como se Moesse Ferro*, de Altair Martins. WS Editor, 128 páginas, R\$ 12

QUANDO: hoje, às 19h

ONDE: no Espaço Miró, Rua Dinarte Ribeiro, 171

TVCOM

5 ANOS Apresenta

BETO CARRERO WORLD

em CIRCO: 2.000 ANOS DE ARTES

AO VIVO TARZAN O HOMEM MACACO

ULTIMA SEMANA!

Terça a Sexta às 20h30
Sábado e Domingo às 15h, 18h e 20h30

AO LADO DO SHOPPING PRAIA DE BELAS

Ingressos à venda no local

Não aceitamos cheques

Ingressos à venda também pela telentrega Opus (231.4247 das 9 às 19h de 2ª a 6ª somente POA)

Promoção 20% de desconto para titular e acompanhante

Realização Opus

RÁDIO CIDADÉ FM

A RÁDIO 10 DA CIDADÉ

92.1º lugar no IBOPE

Diversir. Ouvir. Falar. Questionar. Aprender. Fazer festa. Tudo pra entender o que passa na cabeça do nosso ouvinte. É essa relação que faz a Cidade ser a **rádio jovem mais ouvida desde 1995** e com números cada vez mais impressionantes: hoje, a Cidade é **líder absoluta entre todas as FMs com média de 46.540 ouvintes por minuto***. Portanto, na próxima vez em que você pensar em rádio, seja pra ouvir ou anunciar, sintonize na que mais vezes chegou ao 1º lugar.

*Dados do IBOPE referentes ao 1º trimestre de 2000.

Desafio em uma praia deserta

No último domingo, a Globo lançou o programa *No Limite*, uma mistura de gincana e documentário jornalístico, parecido com o *Survivor*, da CBS, sucesso do momento nos Estados Unidos. Na versão brasileira, comandada por Zeca Camargo, são 12 participantes (agora 11, pois uma foi eliminada no último domingo), divididos em duas equipes. Elas devem enfrentar os desafios propostos pela produção. A pessoa que vencer todas as etapas receberá R\$ 300 mil. Os demais participantes poderão ganhar carros e até R\$ 50 mil.

O enredo é simples. No *Limite* apresenta dois grupos que lutam para sobreviver em uma disputa que só tem um objetivo: a vitória. Na primeira etapa, recebem tarefas que devem ser realizadas por todos os integrantes. No final de cada fase, a equipe perdedora escolhe um dos membros para ser excluído. A fase final está prevista para ir ao ar no início de setembro, com dois concorrentes, quando o público vai decidir por telefone quem vence. As tarefas podem ser comer larvas de insetos, prender a respiração debaixo d'água, subir cômodos de

areia e por aí vai. Dois gaúchos participam do programa: Patricia Diniz e Jefferson Schemengler.

Por vontade própria, os aventureiros se expõem a riscos e a uma vida sem conforto durante um mês, diante de câmeras de TV, contando apenas com a solidariedade do próprio grupo para sobreviver. Em troca, prêmios que somam R\$ 500 mil. Vale a pena?

É justamente essa pergunta que anda causando tanta polêmica. Muitas pessoas questionam esse tipo de programa, que, além de expor as pessoas, as submeteria a uma dieta rigorosa, de baixas calorias. Outras acham fascinante a experiência. O fato é que muita gente comentou o programa durante esta semana. Aventura? Integração? Loucura? O que você acha disso? Escreva!

MÃOS À OBRA:

Conte para o *Zerou* três coisas que você seria capaz de fazer para ganhar um carro zero e três que você jamais faria. Qual é o seu limite? Você acha legal esse tipo de programa? Por quê?

Escreva para *Zerou* – Atualidades – Avenida Ipiranga, 1.075, Porto Alegre, RS, 90.169-900. Ou mande pelo e-mail zerou@zerohora.com.br ou pelo fax (51) 218-4799. Envie nome, idade e telefone.

“Meu avô sabia o valor das coisas imprestáveis. / Seria um autodidata? Era o próprio indizível pessoal.”

Manoel de Barros

NOSSO AUTOR

Manoel de Barros

Natural do Mato Grosso, onde nasceu em Cuiabá em 19 de dezembro de 1916, ele se mudou para o Rio de Janeiro aos 12 anos. Lá cursou Direito. Se formou no curso, mas jamais exerceu a profissão. Em 1960, adotou definitivamente para morar a cidade de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. O campo e as coisas da terra são o tema preferido desse poeta que, aos 83 anos, ainda é um ilustríssimo desconhecido para o grande público.

Manoel começou na literatura em 1937, com o livro *Poemas Concebidos sem Pecado*. Vivendo a adolescência e conhecendo a vida adulta no Rio, teve uma fase comunista. Morou na Bolívia, foi hippie e viveu em Nova York. Mas

nunca esqueceu as paisagens da fazenda onde nasceu, no Pantanal.

Ele tem cerca de 15 livros publicados, entre eles, *Livro Sobre Nada* (1996), do qual retiramos as frases que constam nesta edição. Homenageado este ano na Bienal Internacional do Livro de São Paulo, Manoel já foi classificado pela revista americana *Time* como o mais importante poeta vivo do Brasil. Isto em 1994, quando lançou o 13º livro de sua carreira: *Livro das Ignorâncias* (sic). Sic porque é assim mesmo.

Esse poeta gosta de brincar assim com as palavras e seus sons. Ele diz que as palavras são nossas escravas – e não o contrário. “O sentido normal das palavras não faz bem à poesia”, explica. E você, o que acha disso?

ZEROU POR AÍ

Leitores deram risada com Marisa Orth no palco

Os felizardos que ganharam um ingresso para assistir a Marisa Orth, na sexta-feira passada, no Teatro da Ospa, levaram mais do que um show de graça. Depois do espetáculo, a gurizada ficou sentadinha no teatro vazio, à espera da estrela. Valeu a pena. A Magda de Sai de Baixo conversou animadíssima

com os leitores e ainda distribuiu autógrafos.

O pessoal que participou da promoção: Ana Beatriz Bello, 17, Fabio Galisteu, 16, Germano da Silva e Silva, 13, João Paulo Grundler Furaste, 16, Juliana Andrade Santana, 16, Lucas Reinich, 16, Rafael Deys da Silva, 12, Roberta Amginoni, 12, e Roberta Bins, 13.



GILBERTO TADDAY/ZH

CULTURA

AE/ZH



O íntimo da palavra

Aos 85 anos, em uma rara entrevista, Manoel de Barros fala sobre a criação poética: “Tenho com as palavras uma relação de amor. Algumas entram em cio se querem possuir o poema. As mais amorosas, de noite, descem os véus para mim. As recatadas pedem o meu abandono. Todas têm boca e não falam. Mas o silêncio delas grita”.

LITERATURA

Entrevista: Manoel de Barros, poeta

“As palavras têm boca e não falam. O silêncio delas grita”

SUSANA VERNIERI

Poeta que maneja em seus versos o ínfimo, o mínimo, Manoel de Barros é também econômico em suas relações com a mídia.

— Não costuma dar entrevistas — avisa sua editora. — Isso é muito raro.

Talvez em razão do lançamento de seu 16º livro, Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo ou pela simples vontade de responder às perguntas enviadas, o escritor de 85 anos abriu uma exceção. Depois de quase um mês de negociações, concordou em conversar com Zero Hora por fax. Mandou as respostas no maior capricho, numa datilografia impecável. Sua visão sobre criação poética, o silêncio e sua relação com a palavra são alguns dos temas abordados a seguir.

Antes de prosseguir em direção à entrevista, alguns dados da biografia de Manoel de Barros: o escritor, também advogado, nasceu numa fazenda no Pantanal e hoje vive em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Tem uma rotina de trabalho diário das 6h30 às 11h30 em seu escritório. Lá escreve suas obras. No currículo, também consta ele ter sido comunista, ter peregrinado pela Bolívia como um hippie muito antes de o movimento ter sido criado e ter morado, ainda muito jovem, um ano em Nova York, onde viu as novidades do mundo e estudou cinema e pintura. Outro item é ter passado parte da juventude no Rio, onde morou na mesma pensão que Graciliano Ramos. Na memória, guardou a visão do escritor alagoano apertado com a família em um quarto, escrevendo em um canto, o copo de pinga e muitas bitucas de cigarro à frente.

Zero Hora — A rã, a lesma, a pedra, o barro, o pássaro são alguns elementos que compõem o universo poético de sua obra. Há uma preocupação em humanizá-los? O que significaria essa humanização?

Manoel de Barros — Algumas palavras são muito afetadas de mim. São muito íntimas comigo. E essas se oferecem ao poema com mais frequência e naturalidade. Elas fazem parte de um crime de palavras que eu tenho. Meu crime não é um dicionário. É um crime de quintal feito de palavras vulgares tipo pedras, lesma, pássaros, rãs. São palavras encharcadas de minha infância. Elas me acompanham desde os meus inícios. Todas estão humanizadas de mim. Essas palavras têm de Ser. Não sei muito variar delas.

ZH — O que o peão Bernardo, personagem de seus poemas, um matuto homem-árvore em cuja a cabeça os passarinhos fazem ninho, traz do poeta Manoel de Barros e vice-versa?

Barros — Bernardo personagem é uma re-invenção do Bernardo vivente do Pantanal e meu irmão de criação. Ele não é pseudônimo, nem heterônimo, nem pseudônimo, ele é um benzedor de águas. Ele usa o silêncio para compor as palavras. É tartamudo e se expressa mais com as mãos. Ele tem uma dose altíssima de inocência animal. Tanto que os passarinhos pousam nele. Até aqui não inventei nada. Só inventei a partir desse dom que ele tem de não espantar os passarinhos. Inventei que Bernardo tem um dom de criança, que eu quisera ter. Por aí pode ser meu alter ego. Ele faz parte da natureza como uma pedra, um rio, um ocaso.

ZH — O sr. acredita em trabalho ou acredita mais em inspiração?

Barros — O artista tem, às vezes, um estado de ânimo favorável à criação. Acho que então nossa imaginação construtiva se abre para o trabalho. Mas não chamo a isso de inspiração. Inspiração me parece ser mais um impulso sideral, alguma coisa que vem de graça para o artista. Acredito antes, como o nosso Drummond, que o poema não se constrói com inspiração, mas com trabalho, com transpiração. É perigoso seguir alguma coisa sideral que baixa como a voz de um arcanjo. O artista tem que trabalhar o seu poema até a dor. Do contrário, o que ele faça não conterá uma estrutura estética.

ZH — Quais os autores que o formaram. O sr. os relê hoje em dia?

Barros — O padre Antônio Vieira foi o meu primeiro professor de fazer frases. Ele me ensinou que o rumor das palavras na frase é mais importante do que os significados. Me chamou a atenção para a linguagem antes do que pelos assuntos. Todos podem divulgar as doutrinas de Cristo como Vieira divulgou. Mas a eternidade de Vieira se faz pela maneira com que tratou a doutrina. Fiquei convencido para sempre que o que importa para o artista não são as idéias, mas a roupagem com que veste as idéias. Isto seja: a linguagem. De Vieira parti para a leitura

dos quinhentistas portugueses: Camões, Gil Vicente etc. Hoje os releio com enlevo. Mas o livro mais novo que estou lendo agora é o *Velho Testamento*.

ZH — Como a imaginação pode salvar o mundo? Qual o papel da literatura?

Barros — Uma vez o Senhor das Escrituras, alter ego do poeta Jesus Cristo, ditou para Ele esta frase: Amai ao próximo como a ti mesmo. Foi o início de todas as revoluções socialistas. A paz que o homem procura para arrefecer as desigualdades sociais tem que partir do amor ao próximo. A imaginação do homem não produziu nada mais sábio. A ambição de poder que pisoteia os miseráveis e a ambição de dinheiro que pisa o pescoço dos miseráveis só podem sucumbir com o amor ao próximo. Não sei de outro remédio para salvar o mundo. Claro que a literatura pode contribuir para esse entendimento.

ZH — Qual a sua relação com a palavra? Como brota o poema?

Barros — Acho que tenho com a palavra uma relação de amor. Algumas entram em cio se querem possuir o poema. As mais amorosas, de noite, descem os vãos para mim. As recatadas pedem o meu abandono. Todas têm boca e não falam. Mas o silêncio delas grita. Mas o que sei é que a palavra de um poeta tem que ter substância dele. As palavras têm que ter aflições e sonhos. As que eu uso me são. Isto ser: para eu estar uma árvore. Isto ser: para eu estar um pássaro. Isto ser: para que eu tenha orvalho em mim como uma pedra tem. Eu só queria ser a substância das palavras que eu uso. O poema só brotaria de mim se eu fosse a substância das palavras. Mas isso não seria ambição vã?

Leia dois poemas do novo livro de Manoel de Barros:

A disfunção

Se diz que há na cabeça dos poetas um parafuso de a menos

Sendo que o mais justo seria o de ter um parafuso trocado do que a menos.

A troca de parafusos provoca nos poetas uma certa disfunção lírica.

Nomearei abaixo 7 sintomas dessa disfunção lírica.

1 - Aceitação da inércia para dar movimento às palavras.

2 - Vocação para explorar os mistérios irracionais.

3 - Percepção de contigüidades anômalas entre verbos e substantivos.

4 - Gostar de fazer casamentos incestuosos entre palavras.

5 - Amor por seres desimportantes tanto como pelas coisas desimportantes.

6 - Mania de dar formato de canto às asperezas de uma pedra.

7 - Mania de comparecer aos próprios desencontros.

Essas disfunções líricas acabam por dar mais importância aos passarinhos que aos senadores.

Poema

A poesia está guardada nas palavras - é tudo que eu sei.

Meu fado é o de não saber quase tudo.

Sobre o nada eu tenho profundidades.

Não tenho conexões com a realidade.

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.

Fiquei emocionado e chorei.

Sou fraco para elogios.



Pantanal

As imagens que estão reproduzidas nesta página são de xilogravuras de Anico Herskovits, artista gaúcha, nascida em Montevideu, que vive e trabalha em Porto Alegre. A partir de uma visita ao Pantanal, em 1995, ela produziu uma série de gravuras e um painel com mais de três metros de comprimento (do qual se vê abaixo apenas um detalhe). Além de esboços feitos no local, a música de Almir Satter e a poesia de Manoel de Barros serviram de referência para Anico.

A ampla dimensão do mínimo

A poesia de Manoel de Barros ganha mais um capítulo com a edição de *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo* (Record, 61 páginas, R\$ 17). O 16 livro do autor sul-mato-grossense traz o universo das pequenas coisas trabalhado de forma a compor versos de primeira grandeza. Passarinhos, formigas, borboletas, o cisco, o vento são alguns dos elementos que servem de tema aos poemas que integram a obra. Eles são manejados de modo a questionar, entre outros aspectos, o fazer do poeta ou o limite da linguagem. De certo modo, são também humanizados pela voz lírica de Barros.

No poema *O Cisco*, por exemplo, Barros define seu objeto para depois colocá-lo em interação com o fazer poético: “(...) Ali os pássaros vão buscar raminhos secos, trapos, / asas de mosca / Para a feitura de seus ninhos. / O cisco há de ser sempre aglomerado que se iguala / a restos. / Que se iguala a restos a fim de obter a contemplação / dos poetas. / Aliás, Lacan entregava aos poetas a tarefa de / contemplação dos restos. / E Barthes completava: Contemplar os restos é / narcisismo. / Ai de nós! / Porque Narciso é a pátria dos poetas. / Um dia pode ser que o lírio nascido nos monturos / empreste qualidade de beleza ao cisco. / Tudo pode ser. / Até sei de pessoas que propendem a cisco mais do / que a seres humanos.

Outro poema dá conta de como fazer um tratado sobre passarinhos. Nele, é indicado “que haja um rio com árvores e palmeiras nas margens e dentro dos quintais das casas, pelo menos, goiabeiras”. Todo o aspecto visual é descrito nos versos como se um quadro fosse composto. Esse desenho terminaria, ao final do texto, com um apelo: o da eternidade dos

passarinhos. Essa eternidade fica mais marcante quando é feita uma comparação com uma fuga de Bach. O ínfimo do título do livro de Barros cumpre a promessa de tornar-se grandioso. Fugindo um pouco dos elementos naturais, Manoel de Barros trata do tema do amor, mas não deixa de lado uma postura minimalista, simples e, no caso específico, juvenil. Um exemplo é o poema *A Namorada*: “Havia um muro alto entre nossas casas. / Difícil de mandar recado para ela. / Não havia e-mail. / O pai era uma onça. / A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por / um cordão / E pinchava a pedra no quintal da casa dela. / Se a namorada respondesse pela mesma pedra / Era uma glória! / Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da / goiabeira / E então era agonia. / No tempo do onça era assim”.

Também escapando diretamente dos temas em que privilegia aspectos da natureza está *Poema*. O texto é da mais pura metapoesia e possui um eu lírico que afirma saber que a única coisa que o poeta sabe é que a poesia está guardada nas palavras: “Meu fado é o de não saber quase tudo. / Sobre o nada eu tenho profundidades. / Não tenho conexões com a realidade. / Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro. / Para mim poderoso é aquele que descobre as / insignificâncias (do mundo e as nossas). / Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil. / Fiquei emocionado e chorei. / Sou fraco para elogios”.

Em *Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo*, Manoel de Barros mostra que sabe muito. Tem a sabedoria da ampla dimensão do mínimo, reconhece o limite da palavra e faz uso dela para falar disso e das coisas que ela pretende dar conta. (Susana Vernieri)

Obra completa

Todos os livros publicados por Manoel de Barros:

1937 – Poemas Concebidos sem Pecado	1990 – Poesia Quase Toda
1942 – Face Imóvel	1991 – Concerto a Céu Aberto para Solo de Aves
1956 – Poesias	1993 – O Livro das Ignorâncias
1960 – Compêndio para Uso dos Pássaros	1996 – Livro sobre Nada
1966 – Gramática Expositiva do Chão	1998 – Retrato do Artista quando Coisa
1970 – Matéria de Poesia	2000 – Ensaios Fotográficos
1980 – Arranjos para Assobio	2002 – Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo
1985 – Livro de Pré-Coisas	
1989 – O Guardador de Águas	



O poeta gaúcho Fabrício Carpinejar entrevista o poeta pantaneiro Manoel de Barros:

Pergunta – *Sua escrita é como um ato sexual. O senhor bolina as palavras?*

Resposta – *As palavras entram no cio quando eu faço carícias nelas. Elas chegam a me convidar. Eu aceito os convites. E temos uma relação quase carnal para o poema. A linguagem é minha concubina. Já pensei nisso seriamente e me achei um tarado.*

Invista em livros.
Você tem a vida inteira
para lucrar com eles.



Livrarias Porto

CULTURA

Manoel por Manoel

ILUMINURA DE MARTHA BARROS PARA O LIVRO "MEMÓRIAS INVENTADAS", REPRODUÇÃO/ZH



Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Do livro *Memórias Inventadas*, de Manoel de Barros

Manoel de Barros, poeta, 86 anos:

A linguagem é minha concubina



FABRÍCIO CARPINEJAR *

O quintal maior que o mundo

Em seu livro mais recente, Memórias Inventadas, o pantaneiro Manoel de Barros, 86 anos, encarna uma espécie de teólogo leigo. Celebra o traste, o imundo, o anônimo. Engrandece as miudezas

Uma caixa parda, envolvida em uma fita de cetim, contendo folhas geminadas e amarelas de caderno, com pose de raridade e jeito de edição limitada, apesar da tiragem inicial de 10 mil exemplares. Não é necessário embrulhar o 20º livro de Manoel de Barros para presente. *Memórias Inventadas* – *A Infância* (72 páginas, R\$ 34) já saiu com roupa de festa da gráfica, demonstrando que a editora Planeta, gigante espanhola, entra no mercado brasileiro com pompa e gala. Com ilustrações preciosas de Martha Barros, filha do autor, que evoca as inscrições rupestres de Paul Klee, Manoel de Barros, 86 anos, um dos maiores poetas brasileiros em atividade, erra a linha da página para acertar a caligrafia das aves.

Bem sabe que para pegar um peixe é necessário apanhar antes sua sombra ágil na água. Ele pega o cardume para soltar novamente. Não gosta de prender as letras em aquários, tem inclinação pelo extravio e “vegetação dos ventos”. Sua vocação é para ser um “fraseador”, conforme carta enviada ao pai, em que se dispensava do destino da fazenda e do gado (documento vítima dos ciúmes do irmão: “esse tal de fraseador bota mantimento em casa?”).

Memórias Inventadas é um novo capítulo do seu mundo de imagens, de uma biografia fóssil, ancestral e pré-histórica, feita de vários lapsos e lembranças emprestadas, em que o poeta reinventa a infância e reafirma seu desejo de apanhar o pensamento trocando de roupa. São 15

capítulos com a liquidez de crônicas, envolvidos em um diário biográfico fictício: *Escova, Obrar, Desobjeto, Parrede!, Ver, O Lavador de Pedra, Fraseador, Cabeludinho, O Apanhador de Desperdícios, Brincadeiras, A Rã, Caso de Amor, Latas, Achadours e Sobre Sucatas*.

É impossível não folhear o livro sem perceber de cara com quem se está falando. Manoel de Barros é quase uma seita na literatura brasileira. Um dos últimos remanescentes de uma linhagem oral, formada por Raul Bopp e Guimarães Rosa, que humaniza a fauna e a flora e retira a filosofia do trivial e do popular. Quem não o conhece perde de quitar uma das prestações da vida própria. Leitura simples e despropositada, com vãos livres, surreais e histórias familiares. Uma voz inconfundível, religiosa, errática, capaz de formular metáforas impactantes como “sotaque das águas”.

Do verbo passou a ser um verbete. Manoel de Barros repassa lições programáticas de poesia, de fusão do mundo animal e vegetal, da transfusão da natureza e da irrestrita doação ao mundo. É um teólogo leigo, celebrando o traste, o imundo e o resto anônimo, tudo o que não presta para a civilização guardar no museu, mas que tem alta valia para o lirismo. Com um pendor franciscano, veste trapos, engrandece as miudezas, procura o pitoresco na pobreza e propõe uma catequese do olhar. Tem vocação de santo, porém atrapalhada pelo desvario indisciplinado. Valoriza os apelidos ao invés dos verdadeiros nomes (como o seu nessa *Memórias*: Cabeludinho), libertando-se da funcionalidade e da utilidade social.

A editora Planeta rotulou a obra como o primeiro livro em prosa do poeta, natural de Cuiabá (MT) e radicado em Campo Grande (MS), com 66 anos dedicados a fazer solidão nos versos. Não há diferença de estilo ou de gênero entre o lançamento e os livros anteriores, o que talvez prove que Barros é um contista lírico ou um poeta de surtos narrativos, com paradas longas e abruptas entre os versos (indiscutivelmente é poesia, mas o que não quer dizer que seja na forma de um poema). Quebra-se os parágrafos e se vê a mesma genética dos seus versos. Seus textos são como cartas escritas a mão, com letra emendada, buscando a identificação personalizada, uma confissão derradeira.

Memórias Inventadas segue o escopo epistolar: uma conversa escrita, sempre no mesmo tom exclamativo, de quem descobriu uma verdade existencial e sai correndo para contar. Os recursos propõem uma relatividade do relato da primeira pessoa, a marcação opinativa (*eu acho, eu acredito*) e insegura (*pego desculpas*). As frases iniciais são autênticos achados: “Eu tenho um ermo enorme dentro do

olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância”.

Barros cria uma segunda infância, adulta, vangando o que ele não conseguiu ser. Sua imaginação parte da privação e da renúncia. A epígrafe – “Tudo o que não invento é falso” – parece dizer que a vivência ainda não existe se ela não foi também imaginada.

Barros lembra do que não aconteceu, fantasia o vivido, colocando em xeque as noções factuais e a determinação da historiografia. Reconhece a linguagem como um corpo lúdico, atemporal e vivo, permitindo desmanchar fotografias antigas em colagens. Os primeiros versos de *Memórias Inventadas* recorda fragmento de *Retrato do Artista quando Coisa*: “saudades de puxar por um bar-bante sujo / umas latas tristes”. A tese de Manoel de Barros é “repetir, repetir, até ficar diferente” (*Li-vro das Ignoranças*). Não espere nenhuma novidade. O escritor já lançou seu núcleo e alicerces, agora gira ao redor dos temas favoritos, arrumando uma pedra antiga junto de uma nova, casando frases de efeito inéditas com repertório conhecido. Como diz Rosa: “A gente cresce sem saber para onde”. No caso de Barros, ele cresce recuando. Volta gradualmente para sua origem, reiterando o que formulou anteriormente e acrescentando cláusulas no testamento a cada passo. O caminho de volta sempre será mais longo. Versos como “dou respeito às coisas desimportantes” ou “prezo insetos mais do aviões” significam reprises. Estão lá, com poucas mudanças, em *Li-vro sobre o Nada* e *Gramática Expositiva do Chão*. Em igual movimento, é plausível dizer que o poema de *Memórias Inventadas* “a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo estava introjetado há cinco anos em *Retrato do Artista quando Coisa*: “O menino cangava dois sapos e os botava a puxar o carrinho”.

É balela esperar seu melhor livro, aguardar uma surpresa e mudança de rumo. Nem sempre uma mudança vai garantir uma melhora. Seu estilo, como conceituava Mario Quintana, é não conseguir fazer diferente. Agravava cada vez mais seu “cacoete para poeta”, uma mania de transformar o útil em inútil, o humano em divino. O máximo que ele pode fazer é alterar a ordem dos móveis e das árvores, porque sua casa está firmemente levantada desde a antologia da Civilização Brasileira, de 1990. Para ser visto, ele permanece no mesmo lugar.

Diferentes de várias poéticas como as de Adélia Prado e Paulo Mendes Campos que tematizaram a infância, Barros infantilizou a forma poética, percebendo-a como um espaço que pode ser frequentado em todo momento. Sua dicção age co-

mo se estivesse nela, não somente sobre ela, criando uma estética da ingenuidade do erro, que retrata fielmente o nível da criança enquanto está aprendendo. Barros não conclui seus pensamentos, disseminando as imagens e abandonando a idéia que se dispôs a começar. Distrai uma metáfora com a outra. Mal se detém numa opção e entra em novo raciocínio. Troca palavras, inventa a escrita em busca da sonoridade singular da fala e desfaz a ordem da sintaxe. A linguagem é um terreno baldio, em que o menino improvisa brincue-dos com o mínimo suporte, baseado no maravilhamento e na transmutação. É o faz-de-conta verbal, inaugurando brincadeiras com sucatas. Em *Memórias Inventadas*, isso está bem claro. Ele tem a capacidade de representar a poesia co-

mo ninguém, realizando a simbiose entre vida e literatura. Consegue exemplificar, de um modo inusitado e com extrema sensibilidade, ao aproximá-la do ato de escovar os ossos dos arqueólogos: “Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando o osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. (...) Logo pensei em escovar palavras”. Sua comparação rebatiza qualquer futura consulta ao dicionário. Ele repete três vezes a expressão “os homens”, como uma história contada por uma criança, circular, espontânea,

dispersiva, que regressa ao mesmo ponto para amarrar o fio da meada e reforçar sua intenção. Evidentemente que o escritor corre riscos de exagerar na dublagem, provocando trocadilhos (*eu não sou da informática: eu sou da invencionática*) ou conclusões inofensivas (*dom de ser poesia é muito bom*) e emocionalmente apelativas (*buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor*). Paga-se o preço pela ousadia.

De qualquer maneira, um dos trunfos do livro é o humor, seduzindo pelo riso. Duas histórias são absolutamente paradoxais e engraçadas. A primeira, *Obrar*, narra a cumplicidade da avó quando ele defeca nos pés de roseira, ajudando no adubo. A segunda – *Parrede!* – reconstitui os castigos que sofria do padre ao se masturbar. Ele era posto na parede para decorar os sermões de Vieira. Gostava tanto do que lia que não parou de cometer pecados solitários.

Memórias Inventadas explica que uma estrada é deserta por dois motivos: abandono ou desprezo. Nenhuma das trilhas vem a ser a de Manoel de Barros. Sua estrada é um córrego de pássaros.

* *Jornalista e poeta, autor de Biografia de uma Árvore (2002), Terceira Sede (2001) e Um Terno de Pássaros ao Sul (2000), entre outros livros*



Entrevista: Manoel de Barros, poeta

“As palavras me contêm”

Em entrevista para o Cultura, Manoel de Barros fala que poesia é “aumentar o que não aconteceu”. Como “um apanhador de desperdícios”, transforma o útil em inútil, sem sofrer com os prazos de validade. Acredita que no abandono é possível encontrar a nudez real dos objetos e dos seres. Em conversa miúda, bem ao estilo telegráfico de formigas em dias de chuva, assume a livre percepção infantil. Não se envergonha diante da verdade fingida. Busca a pureza do início, ser menos adulto e, portanto, menos ambíguo.

Cultura – Há histórias reais que são tão inverossímeis que parecem inventadas. Suas histórias inventadas são tão verossímeis que parecem reais?

Manoel de Barros – Essas pequenas histórias foram inventadas para contar uma vida que idealizei para o poeta. Com certeza, alguma coisa de mim há de estar nesse ideal. Exemplo: eu, na verdade, nunca fui pego praticando ato solitário. Mas tive um colega de internato que fazia isso para ser pego e ficar lendo coisas na hora do recreio. Ele não gostava de brincar. Só gostava de ficar lendo. Acabou embaixador brasileiro em Moscou e outras capitais. Todas essas histórias abeiram semelhanças.

Cultura – Em *Memórias Inventadas*, a figura dos avós está mais perto da interlocução infantil do que os pais. Essa sabedoria dos laços acontece por que não existe a obrigação e exigências filiais?

Barros – No caso dos avós, há uma semelhança. Fica bem claro que com a idade a gente volta à infância. Eu não conheci nenhum avô meu. Minha mãe contava algumas histórias do avô quando estava muito velho. Eles moravam num sítio longe duas léguas de Cuiabá. No meio do caminho, ele desceu do cavalo para urinar. O cavalo virou a cara para o sítio. O avô montou e voltou ao sítio. Desceu, entrou em casa e disse para minha mãe: “Ué, Cuiabá mudou muito, já tem até vaca na rua!”. Guardo algumas dessas histórias, me vejo nelas, e viro poema.

Cultura – Em sua poesia, o ato da escrita é como um ato sexual. O poeta lambe, bolina, transa com as palavras. A mulher seria a própria linguagem?

Barros – Já escrevi que as palavras entram no cio quando eu faço carícias para elas. Elas chegam a me convidar. Eu aceito os convites. E temos uma relação quase carnal para o poema. Todas as palavras que uso me contêm. Fica mesmo parecendo que a linguagem é concubina minha. Já pensei nisso seriamente e me achei um tarado.

Cultura – Percebo sua intenção de demonstrar o percurso do poema, fazer com que leitor não perca a paisagem. O poeta é um guia da distração? Quanto mais se erra o caminho, mais se enxerga?

Barros – Só vou por caminhos ignorados. Nunca sei o que está no fim. A primeira frase sugere as outras. Vou indo cego. Só percebo o aroma das palavras. Chego ao fim do poema com surpresa. Sou comandado pelas palavras. Não conduzo nem a mim, tampouco os leitores. Não tenho a sina de ensinar. Para mim, poesia é manifestação errática.

Cultura – Quais os próximos cadernos de poesia que deseja passar a limpo? Há novos livros a sair?

Barros – Estou pensando em voltar à *Teologia do Traste*. Não será um livro de poemas. Nem será um livro de meditações tipo Levítico para conversar sobre a pureza e as impurezas do ser humano. Quero sacralizar o traste.

Cultura – A ficção memorialística brasileira já produziu grandes livros como *Quase Memória*, de Carlos Heitor Cony, sem contar clássicos como *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos.

Quando se coloca a vida em jogo, cria-se com facilidade a identificação. Nosso talento é inato ao testemunho?

Barros – Há muitas maneiras de não dizer nada sobre nós. As memórias são a melhor maneira. Pra dizer verdade, no meu caso, o que faço é aumentar o que não que aconteceu.

Cultura – Como funcionou essa parceria com a pintora Martha Barros? Ela tinha as ilustrações prontas ou fez sob encomenda para a edição de *Memórias Inventadas*?

Barros – Martha mora no Rio e faz suas artes por lá. Eu moro em Campo Grande e cometo os meus poemas aqui. Foi o editor que nos juntou. Ele disse que a Martha também dá importância ao desimportante. Acho que temos almas gêmeas.

Cultura – À medida que diz como deve ser a poesia, está exercendo um papel de conselheiro?

Barros – Eu nunca disse como deve ser a poesia. Porque eu também não sei. Acho só que a poesia não agüenta os exames da razão. Repito: em poesia, temos que jogar pedras na Razão.

Cultura – Aquilo que para o leitor é descobrir; para o autor, foi invenção. Seus versos doem muito tempo no escuro?

Barros – Acho que o inconsciente é o lugar onde as palavras ainda estão se formando. Ali é o porão da poesia. Depois que a palavra sai do porão, temos que limpá-las de suas placentas. Dói mais enxugar o escuro das palavras.

ILUMINURAS DE MARTHA BARROS PARA O LIVRO “MEMÓRIAS INVENTADAS”



Cultura – Seus poemas estão próximos da prece, dando um sentido eucarístico à vida. Esse ócio total, humanizador e progressivo é possível fora da poesia?

Barros – Penso que qualquer arte, não só a poesia, há de carregar um dom da eucaristia. Arte há de ser para sempre uma comunhão da Natureza de Deus com a nossa naturezazinha particular. Por isso que estilo é particularidade.



Atenção. Homens atuando.

As obras do Multipalco Theatro São Pedro começaram.

Participe da construção do maior complexo cultural do estado.

Ligue (51) 3227.5300 ou acesse www.multipalco.com.br.



Iluminado por Shakespeare

“Trabalhos de Amor Perdidos” é a releitura de Jorge Furtado para a obra do autor inglês



VALDIR FRIOLIN, BO – 2/3/2006

Diretor e roteirista de cinema, Jorge Furtado é um grande admirador da obra de Shakespeare e cercou-se da obra do autor inglês na sua estréia como romancista

O escritor Jorge Furtado pega em prestado um pouco do pouco tempo livre do diretor e roteirista Jorge Furtado para autografar hoje à noite, na Capital, *Trabalhos de Amor Perdidos*, às 19h, na Livraria Cultura do Bourbon Shopping Country.

Em sua estréia como romancista, o ator explicita sua paixão por William Shakespeare com um olhar contemporâneo para a obra homônima do dramaturgo inglês. O lançamento do livro se dá em meio a dois outros projetos de Furtado em andamento. Seu quarto longa-metragem, *Saneamento Básico*, *O Filme*, que será rodado em julho, na serra gaúcha, e a participação em um nova série da Globo.

Ontem, Furtado estava no Rio, onde lançou o livro, no domingo, na Livraria da Travessa, em Ipanema, em um sarau literário que contou com a participação de autores como Ivo Barroso, Adriana Falcão e Geraldo Carneiro.

Foi muito bacana, em plena decisão de campeonato carioca, a livraria ficou lotada. A Fernanda Montenegro também apareceu por

lá – disse Furtado, por telefone.

Trabalhos de Amor Perdidos é o primeiro volume da coleção *Devorando Shakespeare*, da Objetiva, na qual três escritores foram desafiados a criar histórias contemporâneas baseadas na obra do autor inglês – Adriana Falcão e Luis Fernando Veríssimo são os outros dois.

Em sua versão original, a peça fala de um grupo de nobres que resolve abdicar do amor e se dedicar ao estudo da filosofia. Resolução que só dura até a chegada da princesa da França com um séquito de belas damas de companhia. Depois de intensos jogos de sedução entre as jovens e os cavaleiros, a peça é interrompida pela morte do Rei da França, que faz as moças voltarem a sua terra.

Trabalhos de Amor Perdidos, por Furtado, tem como personagem principal um brasileiro chamado Robin, que ganha uma bolsa de estudos com um projeto de reescrever *Hamlet* como uma comédia e vai para Nova York desenvolver o trabalho. Lá, se apaixona por uma jordaniana que está fazendo um livro ilustrado sobre *Hamlet*. Como a peça, é um amor que pode ser interrompido de forma brusca.

O lançamento do livro não me exige en-

volvimento integral. Devo participar de mais um evento em São Paulo e aí passo a me dedicar ao filme – conta Furtado.

No Rio, o diretor fez mais um leitura do roteiro com o elenco de *Saneamento Básico*, *O Filme*, que, entre outros, conta com Lázaro Ramos, Camila Pitanga e Fernanda Torres. A produção da Casa de Cinema de Porto Alegre começa a ser rodada logo após a Copa do Mundo em localidades da Serra. Furtado também está envolvido com *Brasilândia*, série produzida pela produtora paulista O2, que substituirá *Cidade dos Homens* no fim do ano.



O QUE: Lançamento de *Trabalhos de Amor Perdidos*, livro de Jorge Furtado, com sessão de autógrafos do autor
ONDE: Livraria Cultura, no Bourbon Shopping Country (Av. Tulio de Rose, 80)
QUANDO: hoje, às 19h
QUANTO: preço sugerido de R\$ 36,90

Um crime para Dante Alighieri

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

O gênero policial, apreciado por milhares, tem lá suas armadilhas. Uma delas é a fórmula que preside a narrativa, o inescapável mistério a ser desvendado por um ou mais agentes, e que pode deixar os romances meio parecidos uns com os outros.

O que tem levado alguns criadores modernos a extrapolar as normas para levar frescor a um gênero muitas vezes engessado.

É o que tenta o italiano Giulio Leoni no recente *Os Crimes do Mosaico* (Planeta, R\$ 39,90), um policial histórico ambientado na Florença do ano 1300 e cujo detetive é ninguém menos que Dante Alighieri (1265 – 1312), alguns anos antes de começar a escrever sua monumental *A Divina Comédia*.

Os Crimes do Mosaico começam quando um mestre artista é encontrado morto, amarrado em um andaime aos pés de um imenso mosaico em uma igreja que está sendo restaurada para servir de sede a uma universidade que um misterioso grupo de eruditos planeja criar em Florença. Ocupando a função de um dos priores da cidade, um Dante irascível, esquentado, arrogante, autoritário e de maus bofes passa a investigar o caso. Um trabalho que vai colocá-lo em choque com os representantes na cidade do Papa Bonifácio e com os próprios sábios integrantes do corpo docente da universidade ainda não instalada.

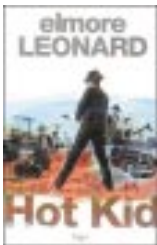
O mistério por vezes submerge sob camadas de erudição, ao mesclar numa trama de crime dados reais sobre a vida de Dante, intrigas políticas e discussões teológicas do período. Para quem conhece a obra do poeta, é interessante acompanhar também as situações imaginadas por Leoni nas quais Dante é confrontado com cenário e situações que serviriam mais tarde como inspiração nas delirantes descrições do *Inferno*, do *Purgatório* e do *Paraíso* feitas na *Comédia*.



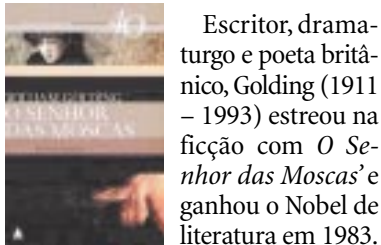
Lançamentos

HOT KID

Ambientado no centro-sul dos EUA durante a Grande Depressão, o livro conta a história de Carl Webster, delegado de Oklahoma que quer matar o bandido mais famoso da região. Em paralelo, é descrita a trajetória do filho de um rico comerciante de petróleo que se torna um jovem bandido. Elmore Leonard é escritor e roteirista norte-americano, conhecido por seus romances policiais, mais de uma vez adaptados para o cinema. Rocco, 394 páginas. R\$ 42,50.

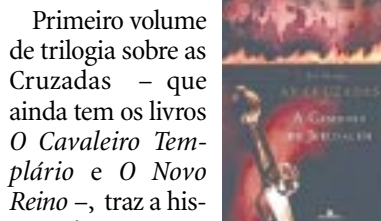


O SENHOR DAS MOSCAS



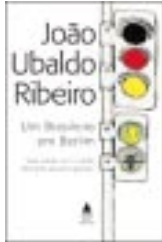
Escritor, dramaturgo e poeta britânico, Golding (1911 – 1993) estreou na ficção com *O Senhor das Moscas* e ganhou o Nobel de literatura em 1983. No livro, um avião com crianças e adolescentes cai numa ilha deserta. Os jovens sobrevivem e, aos poucos, inventam uma nova civilização no ambiente inóspito. Com o tempo, a disputa pelo poder e instintos que provocam atos violentos ameaçam a boa convivência inicial. Editora Nova Fronteira, 224 páginas, R\$ 19,90.

O CAMINHO DE JERUSALÉM – AS CRUZADAS, LIVRO 1



Primeiro volume de trilogia sobre as Cruzadas – que ainda tem os livros *O Cavaleiro Templário* e *O Novo Reino* –, traz a história do sueco Arn Magnusson, ligado a famílias nobres da Escandinávia e que se torna um cavaleiro templário. Na esteira do sucesso de romances históricos cujo enredo reserva papel importante para a Igreja Católica, o livro de Guillou angaria bom número de fãs. Bertrand Brasil, 420 páginas, R\$ 49.

UM BRASILEIRO EM BERLIM



A obra reúne crônicas escritas quando João Ubaldo foi convidado para escrever sobre o país durante uma temporada. Nesta nova edição, há um capítulo inédito, *Alemanha para Principiantes*. Com estilo bem-humorado, o autor baiano comenta os costumes “diferentes” dos alemães, como a nudez em público sem malícia na crônica *Pequenos Choques*. Nova Fronteira, R\$ 24,90, 192 páginas.

| Entrevista | Manoel de Barros |
ESCRITOR

“Me abasteço na infância”

UBIRATAN BRASIL

O poeta Manoel de Barros completa 90 anos em dezembro, mas, a cada dia, garante viver uma nova ascensão para a infância. Um estado de espírito tão forte que, em 2003, ele estreou na prosa justamente com um livro em que iniciava a

trilogia sobre sua vida. E, como se trata de Manoel de Barros, não era um retrato fiel, mas um relato personalizado. Assim, depois de *Memórias Inventadas – A Infância*, chega agora às livrarias *Memórias Inventadas – A Segunda Infância* (Planeta, 80 páginas, R\$ 35). “Porque me abasteço na infância e minha palavra é Bem-de-Raiz e bebe na fonte do ser”, escreve Barros.



MARLENE BERGAMO, FOLHA IMAGEM

O poeta mato-grossense Manoel de Barros lança novo livro sobre as suas memórias inventadas

Pergunta – Como surgiu seu amor pelas coisas sem importância?

Manoel de Barros – É que as minhas palavras se dão melhor no cisco do que no asfalto. Se dão melhor nos brejos do que nos salões. Porque no cisco as palavras encontram os bichinhos de brincar: as formigas, a lesma, as lacraias e os lagartos. E nos brejos as palavras podem se encontrar com as rãs, os sapos, os caracóis e as pedrinhas redondas. No chão minhas palavras florescem. Eu não comando as minhas palavras. Elas que gostam do chão e das coisas desimportantes.

Pergunta – Infância, etimologicamente, é ausência de voz. Mesmo assim, o senhor pretende continuar as Memórias Inventadas com mais uma infância, a terceira. Como é isso?

Barros – É porque o livro foi arrancado da infância. Poesia é Bem-de-Raiz. Pelo menos a minha foi, é, e será aos 90 anos. Minha imagi-

nação construtora busca sempre o material de construir sua linguagem lá na raiz do Ser.

Pergunta – As iluminuras de Martha Barros, sua filha, além de bonitas, estão em sintonia com seu texto. O trabalho dela também é fonte de inspiração para o senhor?

Barros – Admiro e amo as iluminuras da Martha. Acho que ela carrega também um dom de imaginar suprido pela infância. Sua pintura casa tão bem com os meus textos! Acho que isso é genético.

Pergunta – O senhor tem ritual de criação ou a sua produção é pura inspiração?

Barros – Confesso que inspiração eu só conheço de nome. O que eu tenho é excitação pela palavra. Quando uma palavra me excita, eu vou atrás da história dela. Vou nos etimologistas, ando pelo latim, procuro os caminhos dessa palavra. Nessa procura, outras palavras se

Antologia recupera poesia parnasiana

Do Encantamento à Apostasia vem preencher duas lacunas – uma na historiografia brasileira, a segunda na formação pessoal e acadêmica do autor do livro.

O porto-alegrense radicado no Paraná Fernando Cerisara Gil recupera neste título, resultado de cinco anos de pesquisa, a poesia brasileira de 1880 a 1919.

Professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná, Gil, 44 anos, deteve-se na prosa ficcional em seus estudos de mestrado e doutorado: Rubem Fonseca e o romance de 30, respectivamente. A poesia apresentou-se então como uma complementação necessária, não só ao currículo do autor, mas à bibliografia disponível que se dedica ao estudo do parnasianismo e do simbolismo, períodos carentes de leitores e de interesse da crítica. *Do Encantamento à Apostasia*, que caracterizou-se também como um trabalho coletivo, envolvendo alunos de graduação e pós-graduação da universidade, contempla 13 poetas, entre eles Raimundo Correia, Olavo Bilac, Francisca Júlia, Cruz e Sousa e Alceu Wamosy e Augusto dos Anjos.

Faltava um estudo de conjunto da obra poética do parnasianismo e do simbolismo. Ambos eram estudados como escolas ou estilos literários diferentes entre si. Resolvi estudá-los em conjunto, tentando detectar que linhas e forças estéticas faziam com que me parecessem muito próximos – explica Gil.

O QUE: Do Encantamento à Apostasia – A Poesia Brasileira de 1880 –1919: Antologia e Estudo (Editora UFPR, 406 páginas)
QUANTO: o livro custa R\$ 43



MARCOS NAGELSTEIN, ESPECIAL

Fernando Gil lança estudo sobre poesia brasileira

ETN PETROBRAS apresenta:

circular BRASIL

MÚSICA INSTRUMENTAL

FÁBIO CALAZANS E GRUPO Espírito Santo

12 e 13 de abril
quarta e quinta, 19h

Teatro Bruno Kiefer
Casa de Cultura Mário Quintana
Rua dos Andradas, 736
Informações: 3231-4142

INGRESSOS: R\$ 3,00 e R\$ 2,50 (meia)
Ingressos na loja Saneamento / Shopping Praia de Botas das 10h às 22h na loja bilheteria do teatro, apenas no dia do evento, a partir das 14h. Censura Zero

patrocínio: **ETN PETROBRAS**

patrocínio: **ALFAVOCAL**

patrocínio: **10.7**

patrocínio: **50% DE DESCONTO PARA TITULAR DO CARTÃO**

Clube do Assinante apresenta

show de Fernando Buergel

Teatro de Câmara Túlio Piva
12 de abril, Quarta - 20 H

Ingressos à venda na
Bamboletas do
Centro Comercial Nova Olaria
☎ 3227.9930

Promoção **30% DE DESCONTO PARA TITULAR E ACOMPANHANTE**

Canto como ave,
choro como homem

A opereta de João Simões Lopes Neto retorna ao palco, 112 anos depois.

Os Bachareis

De João Simões Lopes Neto e José Gomes Mendés

Música de Manuel Acosta y Olivera

Adaptação e direção de Elcio Rossini

Promoção **COPESUL**

Apoio **MINISTÉRIO DA CULTURA**

12 e 13 de abril de 2006 - 21 horas

Theatro São Pedro

Ingressos à venda na bilheteria do teatro.

Platéia R\$ 20,00 | Camarote R\$ 15,00

Galeria R\$ 10,00

INSTITUTO **João Simões Lopes Neto**

20% DE DESCONTO PARA TITULAR E ACOMPANHANTE

Segundo Caderno

www.zerohora.com/segundocaderno

Editora: PATRÍCIA ROCHA (INTERINA)

3218-4383

patricia.rocha@zerohora.com.br

Diagramação: LISIANE FOLLETO

moda

Começa o Iguatemi Serra Fashion

ARTEZANATO ELETRÔNICO, DIVULGAÇÃO



10% mentira 100% poesia

Documentário sobre a vida do poeta Manoel de Barros estreia hoje na Capital

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Em tempos de tantos documentários biográficos produzidos pelo cinema nacional, não são muitos os que fazem por merecer o título de “desbiografia”, como se autointitula o filme *Só Dez Por Cento É Mentira*, de Pedro Cezar, em cartaz a partir de hoje na Capital.

Mais do que uma biografia, o filme é um mergulho belo e lírico no universo poético de Manoel de Barros, talvez o mais popular poeta brasileiro em atividade.

Poeta em plena criatividade aos 93 anos, com sete décadas de carreira mas reconhecimento crítico obtido depois dos 50 anos, Manoel de Barros não compõe poesia, a vive, com um olhar moleque sobre o mundo – como ele mesmo diz: precisou comprar seu ócio para se tornar menino. Para retratar um personagem tão rico e com uma visão tão original sobre a linguagem – o que, em poesia, equivale ao mundo –, a estrutura tradicional ficaria aquém do desafio: aquela coisa de narração em off, depoimentos,

mais narração em off, mais depoimentos, dados biográficos na tela etc.

É ao fazer uso de todos esses recursos, mas ainda assim subvertê-los, moldá-los ao universo da poesia de Manoel de Barros, e não o contrário, que o filme revela suas grandes qualidades – qualidades que Pedro Cezar já havia demonstrado em seu filme anterior, o também documentário *Fábio Fabuloso* (2004), que mistura surfe e cordel, fugindo do tradicional “filme de surfe”.

As entrevistas estão lá, sim, com gente do calibre de Elisa Lucinda, Viviane Mosé, Adriana Falcão e Fausto Wolff, entre outros, que depõem não sobre circunstâncias biográficas do personagem principal, mas sim sobre o momento em que descobriram a poesia de Manoel de Barros e seu impacto. As inserções do passional e saudoso Fausto Wolff são algumas das melhores nesse sentido. Em uma cena, ele é mostrado olhando o cenário em que dará entrevista, decorado com coloridos desenhos da filha do autor, a artista plástica Martha Barros. Depois de analisar detidamente os painéis, Wolff sentencia:

– Parece a poesia do Manoel.

O jornalista, grande nome do Pasquim, faz uma pausa e complementa:

– Mas é pior.

Também há os momentos da narração em off, claro. Mas em vez de simplesmente contar, cronológica e linearmente, a vida do poeta, o diretor narra também suas tentativas de conseguir sustentar o filme. Conta também as negações do arredo personagem até sua capitulação, que, como convém a um poeta, ocorre quando o diretor já desistia do projeto com a frase “Tudo bem, Manoel, era só um sonho”. É aí que o entrevistado renitente muda de ideia. Interpretações visuais do universo de Manoel completam o conjunto de beleza e lirismo construído ao longo dos 76 minutos de projeção.

Concluído em 2008, *Só Dez por Cento É Mentira* percorreu ao longo do ano passado, com sucesso, o circuito dos festivais cinematográficos, ameaçando prêmios em Paulínia e Goiânia – e angariando elogios no boca a boca dos restritos espectadores. Foi exibido brevemente em Porto Alegre durante o Festipoa Literária e agora ganha a oportunidade de demonstrar a razão de seu maravilhamento.

carlos.moreira@zerohora.com.br

Poesias completas e inéditas



Só Dez por Cento É Mentira chegou aos cinemas na mesma época que o poeta trocou de casa – não a residência que aparece no filme, claro, mas casa editorial. Publicado há anos pela Record, Barros passou para o elenco da Leya, editora que aportou no mercado nacional

no ano passado. E para marcar a transição, a Leya lançou *Poesia Completa* (496 páginas, R\$ 69,90), volume que reúne os 17 livros de poesia de Manoel de Barros, de *Poemas Concebidos sem Pecado* (1937) ao mais recente e até então inédito, *Menino do Mato*.

O livro compila também os quatro livros infantis publicados pelo poeta a partir de 1999 – uma tentativa estranhamente tardia para um artista tão ligado ao universo infantil. Acompanhar a evolução de Barros ao longo de sua obra é uma ótima oportunidade para ver que em seu trabalho há mais do que o epíteto “poeta do Pantanal” que lhe foi pespegado em virtude do maravilhamento com que descreve suas memórias da infância na região. Ler *Poesia Completa* é a chance de perceber que a produção do poeta vai além das lembranças infantis – e que sua poesia carrega um lirismo encantado incommum na literatura atual.

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA

De Pedro Cezar. Com Manoel de Barros e depoimentos de Fausto Wolff, entre outros.

Documentário, Brasil. Duração: 76 minutos. Classificação: livre.

Em cartaz a partir de hoje no CineBancários (confira endereço e horários das sessões no Guia hagah).

Cotação:

★★★★☆

VERSOS DE MENINO

O fazedor de poemas se despede

MANOEL DE BARROS, um dos poetas mais populares do Brasil, morreu ontem, aos 97 anos

Estadão Conteúdo

Um dos principais poetas brasileiros e autor de frases lapidares como “As coisas que não existem são as mais bonitas”, Manoel de Barros morreu ontem, aos 97 anos, em Campo Grande (MS). Ele estava internado há duas semanas no Proncor, período em que passou por uma cirurgia no intestino.

Natural de Cuiabá, o poeta garantia ter vivido uma nova ascensão para a infância. Um estado de espírito tão forte que, em 2003, ele estreou na prosa justamente com um livro em que iniciava a trilogia sobre sua vida. E, como se tratava de Manoel de Barros, não era um retrato fiel, mas um relato puramente personalizado. Assim, depois de *Memórias Inventadas – A Infância*, ele lançou *Memórias Inventadas – A Segunda Infância*.

O tempo, para o poeta, não seguia sua ordem cronológica. O que seria o livro da mocidade transformou-se em segunda infância que é, convém explicar aos desavisados, a forma como o poeta tratava de sua maturidade. Os textos, acompanhados das iluminuras de sua filha, Martha Barros, percorrem temas vitais da existência, como a descoberta do amor, do sexo e até do comunismo. Falam das peladas de barranco do Dona Emília Futebol Clube e até da indiana da pensão na Rua do Catete – ela, 25 anos (ele, 15), deixava a porta do banheiro meio aberta e isso “abatia” o poeta.

A linguagem continuava artesanalmente construída, sem se ater a convenções gramaticais ou sociais, mas sempre em busca da simplicidade. “Porque me abasteço na infância e minha palavra é Bem-de-Raiz e bebe na fonte do ser”, escreveu Barros.

O primeiro livro, no entanto, não foi de poesia, mas também não existe mais. A história de seu sumiço merecia um romance: aos 18 anos, quando vivia no Rio de Janeiro, onde frequentava as reuniões da Juventude Comunista, Manoel pichou as palavras “Viva o comunismo” em uma estátua. Quando foi procurado pela polícia na pensão onde morava, o futuro



RENATA CALDAS, REPRODUÇÃO

Poeta que dizia “se abastecer de infância”, Barros escreveu livros infantis como o premiado “O Fazedor de Amanhecer”

poeta não foi preso por conta da intervenção da dona do estabelecimento, alegando ser ele um bom menino e também escritor, autor de *Nossa Senhora de Minha Escuridão*. Sensibilizado, o chefe da operação decidiu não prender Manoel, mas também resolveu ficar com o exemplar do livro.

RECONHECIMENTO VEIO SÓ NA DÉCADA DE 1980

O primeiro poema nasceu quando Barros estava com 19 anos, e a estreia literária de fato aconteceu com *Poemas Concebidos sem Pecado* (1937), feito artesanalmente por amigos numa tiragem de 20 exemplares mais um, que ficou com ele. O livro garantiu sua inserção entre os modernistas. Na década de 1960, voltou para Campo Grande, onde passou a viver como criador de gado, sem nunca deixar de trabalhar incansavelmente em seus versos. Longe dos grandes centros, demorou a ser reconhecido como poeta maior, mesmo publicando diversos livros.

Foi somente na década de 1980, ao ser elogiado por Millôr Fernandes, que Manoel de Barros tornou-se conhecido no eixo Rio-São Paulo. Em 1987, ganhou o prêmio Jabuti por *O Guardador de Águas*. E, em 2002, *O Fazedor de Amanhecer*, livro infantojuvenil do poeta, foi

eleito a melhor obra de ficção do ano anterior.

– Como todo velho, sou uma criança nova e, com a memória mais aguda, relembro todos os bons momentos que vivi como menino. Enxergo o mundo agora de maneira mais inocente – justificava o poeta.

Leitor dos sermões do padre Vieira, hábito que o ensinou, ainda jovem, a admirar a formação e a utilização das palavras, Manoel de Barros mantinha, enquanto a saúde permitia, o mesmo ritmo de trabalho: todos os dias, às 7h, dirigia-se ao andar superior de sua casa, onde se encontra o que chamava de “escritório de ser inútil”.

– Lá, fico horas consultando dicionários etimológicos, descobrindo a origem das palavras, buscando motivação – afirmou ao jornal Estado de S. Paulo, em 2002. – Garanto que é uma viagem melhor que qualquer outra de avião.

Estimulado, ele combinava suas descobertas, entortando-as.

– Para não cansar, a linguagem não pode ser comum, tradicional, senão cansa. É preciso entortá-la um pouco – explicava.

Para Manoel de Barros, o esforço sempre era necessário, pois não acreditava em inspiração.

– Trabalho com a palavra e, ao buscá-la, sou encaminhado por ela, que se desdobra e aponta caminhos.

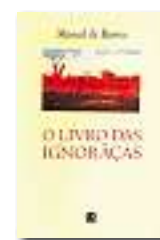
3 livros essenciais

POR CARLOS ANDRÉ MOREIRA



POESIA
COMPLETA

Quem quiser mergulhar de uma vez na obra de Manoel de Barros tem a possibilidade de enfrentar esta edição lançada em 2010 e que compila os 17 livros de poesia e os quatro títulos infantis publicados pelo autor. Do início da carreira, de *Poemas Concebidos sem Pecado* (1937) ao até então mais recente e inédito, *Menino do Mato*. É uma oportunidade de conhecer Manoel de Barros para além do Pantanal.



O LIVRO DAS
IGNORÂNCIAS

Publicado em 1993, já em um estágio avançado da carreira do poeta, tornou-se um de seus livros mais conhecidos e, assim, uma das obras responsáveis pela popularidade de Manoel de Barros. É também uma espécie de súplica dos temas mais comuns da obra do poeta: a infância como uma paisagem mística; o olhar infantil como origem de um maravilhamento de sensações ao ver o mundo.



MENINO
DO MATO

Um dos últimos livros de Manoel de Barros, publicado em 2010. Serve como um contraponto para mostrar o quanto Barros permaneceu arraigado ao mundo pessoal que retratava em sua poesia. Nesta obra, dividida em duas partes, outra vez o olhar do poeta se dirige para o espaço idealizado da infância, com versos que não se envergonham de cavocar a emoção mais do que a metafísica.



Autorretrato Falado



ARTEZANATO ELETRÔNICO, DIVULGAÇÃO

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
 Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da
 Marinha, onde nasci.
 Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do
 chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.
 Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de
 estar entre pedras e lagartos.
 Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
 Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me
 sinto como que desonrado e fujo para o
 Pantanal onde sou abençoado a garças.
 Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo
 que fui salvo.
 Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
 Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de
 gado. Os bois me recriam.
 Agora eu sou tão ocaso!
 Estou na categoria de sofrer do moral, porque só
 faço coisas inúteis.
 No meu morrer tem uma dor de árvore

MANOEL DE BARROS
 (19/12/1916 – 13/11/2014)



11/11
TERÇA

VIOLÊNCIA NO BRASIL

Uma pessoa é assassinada a cada 10 minutos no Brasil, segundo levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Os dados de 2013 foram apresentados na terça-feira em São Paulo. O evento marcou a divulgação da 8ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública. No total, 50.806 pessoas foram vítimas de homicídios dolosos no Brasil no ano passado, o que corresponde a 5,8 pessoas assassinadas a cada hora.

16% PARA O MÍNIMO

Atendendo ao pedido das centrais sindicais, o governador Tarso Genro anunciou na terça-feira proposta de reajuste de 16% para o piso regional a partir de 2015. Sartori afirmou não se opor a aumento, que ainda terá de ser votado pela Assembleia Legislativa.

12/11
QUARTA

QUEBRANDO A INTERNET

Como prometia a manchete da publicação, a foto de Kim Kardashian na capa da revista Paper "quebrou" a internet na quarta-feira. Em outra opção de capa da edição de inverno da publicação, a socialite aparece equilibrando uma taça de champanha no bumbum em foto do ensaio feito pelo fotógrafo Jean Paul Goude.

TODOS OLHARAM PARA CIMA

Depois de uma viagem de 6 bilhões de quilômetros pelo espaço, durante 10 anos, a sonda Rosetta chegou ao seu destino e lançou o Philae, o primeiro artefato humano a pousar em um cometa. O robô coletará dados e fará fotografias que serão enviados a cientistas e podem ampliar compreensão da origem do Sistema Solar e da vida na Terra.



ESA, ROSETTA, PHILAE/ROL, AFP

13/11
QUINTA

POESIA COMPLETA

Morreu um dos maiores poetas brasileiros, Manoel de Barros.



RENATA CALDAS, REPRODUÇÃO

Manoel por Manoel

Eu sou dois seres.

O primeiro é fruto do amor de João e Alice.

O segundo é lettral:

É fruto de uma natureza que pensa por imagens, como diria Paul Valéry.

O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidades.

O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades frases.

E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.

(Poemas Rupestres)

15/11
SÁBADO

REUNIÃO DO G-20

Líderes do G-20, grupo das principais economias do mundo, se reúnem na Austrália. Encontro tem como tema principal a retomada do crescimento da economia mundial.



PASSOU

de quem se falou



Alán Ruiz: meia do Grêmio jogou apenas 12 minutos e marcou dois gols no Gre-Nal de domingo. O argentino provocou o Inter em campo e, depois, nas redes sociais. San Lorenzo espera oferta definitiva do Grêmio pelo jogador.



Marta Suplicy: em sua carta de demissão, a ministra da Cultura fez críticas indiretas à condução da política econômica no primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff.



Ana Luisa Escorel: com o romance *Anel de Vidro*, a autora paulista foi a primeira mulher a vencer na categoria de livro do ano do Prêmio São Paulo de Literatura, um dos mais disputados do país.



Dani Calabresa: a humorista fez piada, na bancada do CQC, com os comentários sobre a pulada de cerca do marido, o também humorista Marcelo Adnet: "As pessoas erram".

ELE DISSE, ELA DISSE...

COMENTÁRIOS DE
LEITORES na semana

10/11/14

“

A EXPRESSÃO "JOGAR UMA PELADA" ganhou um novo significado.

JACQUES BEDUHN,
No Facebook, sobre a matéria "Inspirado nas peladas da Capital, gaúcho desenvolve jogo para celular".

11/11/14

“

HOMOBOVINOFOBIA.

THIAGO RAMOS DA ROSA,
No Facebook, sobre a notícia "Touro reprodutor que só se interessava por machos pode ser sacrificado".

“

A VACA CAIU DO TELHADO.
Qual o nome do filme?
Tá chovendo hambúrguer.

LÚCIA LEITE,
No Facebook, comentando a matéria "Vaca cai dentro de casa em São Paulo e assusta moradores".

14/11/14

“

ENQUANTO ISSO, no Brasil, nem luz pública (postes) temos!

CRISTIANO ALVES,
No Facebook, sobre a primeira ciclovia do mundo que brilha no escuro, construída na Holanda.

Um beijo para Manoel de Barros

Cássia Kis volta ao teatro depois de 10 anos com uma peça inspirada em versos memorialísticos do poeta do Pantanal

CARLOS ANDRÉ MOREIRA

carlos.moreira@zerohora.com.br

A atriz Cássia Kis tem uma lembrança visceral e onírica associada à obra de Manoel de Barros (1916-2014). Em 1990, quando trabalhava na novela *Pantanal*, escrita por Benedito Ruy Barbosa e gravada em locações na própria imensidão pantaneira, ela teve um encontro inusitado com uma coletânea informal dos trabalhos do poeta.

– Eu já havia lido algumas coisas dele, já havia sido mordida pela sua poesia, ele na época ainda era um poeta meio escondido, meio obscuro. E me lembro de estar em uma daquelas cabines em que há rádio para você se comunicar com as pessoas. Fiquei presa lá porque chovia a cântaros, aquela imensidão, aquele horizonte. E achei ali um calhamaço de papel, quase uma apostila, que dizia na frente “Obra quase completa de Manoel de Barros”. Fiquei lendo e sabia que teria que fazer alguma coisa com aquela obra.

O impulso só se realizou quase três décadas depois: Cássia Kis apresenta hoje e amanhã em Porto Alegre o resultado desse enamoramento, *Meu Quintal É Maior do que o Mundo*, um espetáculo em que ela enfileira numa espécie de roteiro 18 poemas extraídos do livro *Memórias Inventadas*, relatos memorialísticos escritos em prosa poética e publicados originalmente pelo autor em três partes, entre 2003 e 2006.

– Em 2018, fazia uns 10 anos que eu não pisava em um palco, a última havia sido a temporada de *O Zoológico de Vidro*, de Tennessee Williams, em 2009. Foi aí que pensei que havia chegado a hora de montar de uma vez Manoel de Barros. Fui à casa da filha dele (a artista visual *Martha Barros*), que é minha amiga. Saí da casa dela com esse livro na mão – conta Cássia.

A atriz convidou o diretor Ulysses Cruz para dirigir a montagem. Depois de um período de estudo sobre a obra, ambos deram forma à montagem que foi encenada pela primeira vez em São Paulo, em janeiro do ano passado.

– Estreamos o espetáculo em São Paulo, no Sesi da Paulista. E ali a gente soube que o material estava bom. A gente só sabe o que fez depois de ver a reposta do público. E o público de fato fica encantado. Um encantamento que não é imotivado, a palavra de Manoel chega na cabeça, no coração.

Compreensão

Meu Quintal É Maior do que o Mundo aposta em uma cenografia concisa e minimalista para enfatizar a palavra de Manoel. Um tapete no palco faz as vezes do “quintal” enquanto a iluminação e a música destacam as histórias poéticas contadas por quatro personagens interpretados por Cássia: um menino de cinco anos, um jovem de 15, um homem de 40 e um idoso de 85. Como *Memórias Inventadas*, mais do que um livro de poemas, é um relato memorialístico, os causos ali contados são extraídos da vida do próprio poeta. Os personagens, portanto, são facetas diversas da vida do autor, e é um pouco o próprio Manoel que Cássia interpreta em diferentes etapas de vida.

– Convivi com ele. Estive muito perto dele, vi aquele homem. Mas depois desses anos, da morte dele, mais madura, é que sinto que realmente compreendo hoje a obra dele. Precisei de 30 anos para isso – afirma.

Meu Quintal É Maior do que o Mundo

• Hoje e amanhã, às 21h.

• Theatro São Pedro (Praça Mal. Deodoro, s/nº).

• Ingressos: R\$ 50 (galerias), R\$ 90 (camarote lateral), R\$ 100 (camarote central) e R\$ 120 (cadeiras extras e plateia) pelo site teatrosaopedro.com.br.



• Sócio e um acompanhante do Clube do Assinante têm 50% de desconto.

Cássia Kis enumera na peça 18 poemas extraídos de livro do autor